

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

**A RELAÇÃO ENTRE CRENÇA E DESAMPARO NA
CONTEMPORANEIDADE. UMA LEITURA PSICANALÍTICA.**

ANTONIO ALBERTO PEIXOTO DE ALMEIDA

Trabalho de conclusão de curso como
exigência parcial para graduação no curso de
Psicologia, sob orientação da Prof. Dra. Felícia
Knobloch.

São Paulo

2016

AGRADECIMENTOS.

Dedico este trabalho a três pessoas da minha família que foram fundamentais para que eu pudesse estar em São Paulo.

À minha mãe, Maria de Fátima, pelo esforço contínuo em me manter na cidade de São Paulo, mesmo ante a todas as dificuldades enfrentadas neste processo. O esforço, muito mais do que uma mera ajuda, também é demonstração de amor.

À minha tia, Maria Helena, por estar sempre presente e pelo esforço que faz para me ajudar sempre que eu preciso. E também por compartilhar, com muita felicidade, cada conquista que eu tenho na minha vida. O valor do afeto muitas vezes está na possibilidade de compartilhar um sorriso.

À minha avó, Maria Helena, que enquanto pôde sustentar o seu desejo e decidir por si mesma, e, portanto, teve a sua soberania enquanto sujeito garantida, colaborou com a minha presença aqui e ficava muito feliz com as minhas conquistas.

Dedico também a minha namorada, Victória, pelo carinho e pela presença modificadora na minha vida, ao qual, conseqüentemente, contribuiu para a construção deste trabalho.

Agradeço a Profa. Felícia Knobloch pelo acolhimento do projeto, pelo empenho e dedicação ao trabalho e pelas contribuições decisivas para o desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço a Profa. Regina Fabbrini, pela disponibilidade e pela pronta solicitude em ajudar sempre que solicitada. Sabemos que, este tipo de coisa, no mundo de hoje, é algo cada vez mais raro.

RESUMO

7.00.00.00-0 CIENCIAS HUMANAS 7.07.00.00-1 PSICOLOGIA

A RELAÇÃO ENTRE CRENÇA E DESAMPARO NA CONTEMPORANEIDADE.
UMA LEITURA PSICANALÍTICA.

Felícia Knobloch – Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.
Departamento de Psicodinâmica – Curso de Psicologia / FACHS.
Endereço de e-mail: feknobloch@gmail.com

Antonio Alberto Peixoto de Almeida – Orientando. Curso de Psicologia –
FACHS. Endereço de email: antonioalbertoalmeida@gmail.com

A crença emerge como efeito da saída do homem do estado natural e da entrada na linguagem. Esta nasce, assim, como resposta ao estado de desamparo fundamental que ali surge. Ao longo da história da humanidade, este tema assume um caráter central na dinâmica intrapsíquica dos sujeitos, tendo em vista que, desde o seu surgimento, responde ao conflito entre o desejo, as diferentes fontes de desamparo, e sendo assim, serve para tamponar este último. A crença também é um fator de demarcação do “eu” e do “outro”, o que desencadeou, ao longo da história, conflitos de origens diversas, conforme Freud pontua. Este autor mostrou que a ciência poderia tomar o lugar da religião no que tange a esse caráter que a crença assume de resposta ao real. Lacan, por sua vez, disse que a religião triunfaria sobre a ciência e sobre a psicanálise. Diante dessas duas “profecias”, observa-se, na contemporaneidade, uma radicalização da questão do desamparo a partir de um Outro que se apresenta como inconsistente. Este Outro inconsistente, por sua vez, é fruto do avanço do discurso da ciência sobre o simbólico, o que levou, portanto, a sua precarização. Infere-se, então, que o engajamento do sujeito do inconsciente na crença, na contemporaneidade, dá-se predominantemente pela via do ato, o que é diferente do que ocorria na época das teorizações de Freud, onde havia uma dimensão simbólica bem estabelecida.

Palavras-chaves: crença, desamparo, ato, contemporaneidade, psicanálise, ciência.

SUMÁRIO

<i>Introdução</i>	<i>05</i>
<i>Metodologia.....</i>	<i>09</i>
<i>Capítulo 1 – Aspectos gerais da relação entre a crença e a civilização.</i>	<i>11</i>
<i>Capítulo 2 – A pulsão, a fantasia e a crença – a contemporaneidade e a precarização do simbólico.....</i>	<i>28</i>
<i>Capítulo 3 – A crença como ato e o desamparo na contemporaneidade.</i>	<i>39</i>
<i>Considerações Finais.....</i>	<i>52</i>
<i>Referências bibliográficas.....</i>	<i>56</i>
<i>Pesquisa bibliográfica.....</i>	<i>61</i>

INTRODUÇÃO

A leitura da relação entre crença e desamparo, a partir da visão psicanalítica, coloca-se, primeiramente, em Totem & Tabu (1912/13). No artigo, Sigmund Freud estabelece que o Totem, a primeira das crenças, serviu para estabelecer a Lei do pai depois do parricídio. Sendo assim, este fenômeno responde ao desamparo face ao horror provocado pela linguagem, que se deu a partir da entrada do homem na civilização.

A crença serviu, a partir da instauração da Lei, para evitar que a civilização, recém-fundada, retornasse ao estado de barbárie prévio, onde havia um sujeito que era o detentor de todas as mulheres, ou seja, monopolizava o acesso ao gozo, a partir da sua autoridade absoluta. Diante disso, o desamparo se caracterizava pela angústia decorrente da alteridade promovida pela diferença com o Outro, que apresentava-se como sendo diferente e poderia se caracterizar como uma ameaça por querer ocupar o lugar do pai da horda. A crença, assumiu assim, o caráter de estabilização do laço social diante da renúncia ao gozo absoluto. Esta assume um caráter substitutivo e de tamponamento frente a um desamparo e a um real, inassimilável, segundo a terminologia lacaniana, no ponto da fundação do sujeito e da cultura.

Freud, em o “Mal-estar da Civilização (1930)”, apresenta a questão de que, ao mesmo tempo em que o laço social civilizatório depende da renúncia pulsional para subsistir, este é um fator que causa mal-estares cada vez mais duros e difíceis de suportar para os sujeitos. Ele cita, neste estudo, que há três desamparos fundamentais: a dissolução do corpo, o mal-estar provocado pelas relações e o temor provocado pelas forças da natureza. Deste modo, a crença surge como um elemento resolutivo do conflito entre a realidade e o desejo, tendo em vista que fornece alento e uma verdade psíquica, independente das possíveis ocorrências destes fatores externos.

No texto “Acerca de Uma Visão de Mundo/A Questão de uma Weltanschauung (1933)” Freud esboçou uma definição conceitual para

este fenômeno. Esta se dá a partir da oposição feita entre a visão do mundo científica, daquela que seria baseada na crença. A principal diferença, de acordo com o pai da psicanálise, seria referente à busca por uma totalidade, por parte da crença, ante à busca científica pelo estabelecimento de uma verdade que nunca se pretende absoluta. Desta forma, neste texto, é possível dizer que a crença remete a ilusão e ao tamponamento diante do desamparo proporcionado pela falta inerente a existência humana.

A resposta à experiência de desamparo também se dá em face do caráter estabilizador da crença no que se refere ao significante de filiação que a entrada nestes grupos promove. A correlação entre crença, massa e desamparo pode ser vista em diversos momentos da história e, assim como Freud pontua em 1921, pode guardar um caráter de agressividade em relação àqueles que não tem a mesma filiação. Ao longo da história, diversas atrocidades, como o nazismo, foram cometidas em nome do que aparecia como ideal neste fenômeno. Deste modo, diversas guerras foram travadas em nome dos mesmos e religiões e povos foram escravizados em prol da elevação de uma crença ou/e da subjugação de outra.

Na entrevista que deu origem ao texto o “O Triunfo da Religião (1974)” Jacques Lacan faz um contraponto à afirmação freudiana de “Acerca de Uma Visão de Mundo (1933).” Nesta, Freud afirma que a ciência, e a psicanálise, seriam capazes de no futuro substituir a religião e a crença baseada nos preceitos que ele expõe do texto, como forma de libertar o homem da sua própria ilusão. O contraponto se dá, pois, para Lacan, a psicanálise e o exercício das ciências de uma forma geral, se constituem como profissões impossíveis, pois se trata de um lugar insustentável do ponto de vista de se obter verdade absoluta tanto para o sujeito, quanto para aquele que a pratica. Neste ponto, a religião e, portanto a crença são capazes ofertar uma verdade absoluta, através da possibilidade de dar um sentido. Desta forma, Lacan (1974), expõe a hipótese de que a religião continuaria sendo capaz de sustentar um lugar

de verdade, diante do avanço das ciências e da desconstrução dos dogmas apresentados pela mesma. O que autor diz assim é, que os enigmas poderiam mudar, mas o caráter de dar sentidos por parte da religião permaneceria o mesmo.

Passados trinta e um anos da “profecia” lacaniana, observamos mudanças de certos aspectos na contemporaneidade. Um deles é possível de se observar a partir do avanço do discurso da ciência. Este teve como consequência o aumento da inconsistência do Outro, a partir da precarização da dimensão simbólica. Tal elemento, portanto, altera a concepção de crença a partir do que podia ser observado na época de Freud e demonstra que a crença que o autor tinha na ciência mostrou-se inválida.

A questão do desamparo também passa por uma mudança. Se antes esta era experimentada a partir de três mal-estares que são, segundo Freud (1930), a dissolução do corpo, o medo das forças naturais e o medo proporcionado pela imprevisibilidade das relações, na contemporaneidade, por sua vez temos a radicalidade desta experiência. Esta se dá, pois em decorrência da inconsistência do Outro, e da precarização do simbólico, tem-se portanto um desamparo baseado na experiência com um real que se apresenta de forma mais intensa, pois agora vem sem o amparo que era promovido por estas dimensões.

Deste modo, nota-se que o engajamento do sujeito pela via da crença, não se dá mais a partir de uma mensagem dirigida ao Outro, mas através de uma identificação que prescinde da palavra e vai em direção ao discurso. Este conceito provém dos autores do Campo Freudiano, e é apresentada através da nomenclatura de “identificação fragmentada”.

Tal como a identificação não vai em direção ao Outro, a questão do crer, de se filiar a uma crença, passa pela via do ato, que se aproxima do que Lacan classificou como “acting out”, e é assumida através deste trabalho a partir da descrição apresentada por Carvalho (2014) de ato mostrativo. O ato visa suprir a experiência de angústia promovida pelo real e ofertar uma suplência e uma certeza em meio aos elementos que já

foram apresentados anteriormente. Desta forma, responde também, por uma outra via, a questão do conflito entre o desejo e a inconsistência da sua sustentação pela via do simbólico, tal como os possíveis conflitos existentes para a sua realização.

O objetivo deste trabalho é apresentar uma hipótese sobre o modo de funcionamento da relação entre “crença e desamparo” na contemporaneidade. Para tanto, a partir do material referenciado, elaborou-se uma hipótese de que há mudanças relevante no que se refere a este estatuto na contemporaneidade. Esta parte das diferenciações entre uma civilização regida por uma ordem simbólica bem-estabelecida e os efeitos decorrentes da sua precarização, conforme foi dito anteriormente. Estes elementos são apresentados e fundamentados ao longo da dissertação.

METODOLOGIA

A metodologia a ser utilizada é o levantamento bibliográfico tendo como referencial os textos que compõem a leitura lacaniana em relação aos postulados da obra freudiana. Trata-se, assim, de uma pesquisa feita no registro teórico, o que de acordo com Violante (2000) caracteriza-a por ser exegética. Esta nomenclatura advém do fato da pesquisa ocorrer fora da situação clínica e se debruçar sobre a análise da leitura teórica.

Trata-se, nesta pesquisa, de utilizar a metodologia para investigação de um conceito limítrofe. Nota-se, então, a possibilidade de ocorrência deste estudo, a partir do momento em que se mantém o rigor conceitual psicanalítico, ou seja, uma metodologia fundamentada nos preceitos da disciplina. E, desta forma, este campo de estudo oferta a possibilidade do entendimento e da justificativa de como o sujeito se engaja no processo a partir dos seus aspectos psíquicos que se constituem a partir do Outro, o que lhe dá um ângulo diferente de entendimento da problemática diferente da perspectiva sociológica e filosófica.

Esta investigação parte das questões referentes às questões existentes na intersecção entre crença, desamparo e contemporaneidade. Nota-se a importância do método psicanalítico neste caso, pois o seu corpo conceitual permite uma leitura para além da perspectiva sociológica e filosófica. A psicanálise, como se sabe, permite a articulação de conceitos que se articulam a todos estes campos do saber, ainda que esta possibilidade de diálogo parta do campo da clínica e das instituições sociais.. Além disso, a importância de se pesquisar este tema se dá em decorrência das problemáticas existentes no corpo social diante do mesmo e permite, em última instância, a sua utilização como instrumento de acesso teórico no trabalho desenvolvido na clínica e nas instituições. Sendo assim, fica exposta a importância da utilização do método psicanalítico no desenvolvimento de pesquisas em relação ao tema

trabalhado neste estudo o que justifica a sua escolha metodológica neste sentido.

Fez-se a opção da escolha pela tradução da Editora Companhia das Letras, em detrimento da realizada pela Editora Imago Esta escolha se fez em decorrências das inconsistências apresentadas pela versão da Editora Imago e por esta ser traduzida de “segunda mão”, a partir do inglês, ao contrário da tradução realizada pela outra editora citada, que é feita diretamente do alemão. No entanto, nem todos os textos foram traduzidos ainda, o que fez com que fosse necessário recorrer a alguns textos da Editora Imago.

Em relação a estes optou-se pela tradução da Companhia das Letras nos seguintes textos: “35. Acerca de Uma Visão de Mundo.”, “A Repressão”, “Mal-Estar na Civilização”, “O Inquietante”, “O Futuro de uma Ilusão”, “Os Instintos e Seus Destinos”, “O Tabu da Virgindade (Contribuições à Psicologia do Amor III)”, “Por que a guerra? [Carta a Einstein, 1932]”, “Totem & Tabu”, “O Tabu da Virgindade (Contribuições à Psicologia do Amor III)”. Enquanto optou-se pela tradução da Imago no texto “Moisés e o Monoteísmo Três Ensaio”

Há uma polêmica relativa à tradução do termo, do alemão, *trieb*. As traduções referenciadas se utilizaram do termo “instinto”, no entanto, no que se refere às convenções psicanalíticas, opta-se por *pulsão*. Deste modo, para o efeito deste trabalho, apesar das traduções, mantém-se o termo *pulsão* para referir-se a *trieb*.

Os autores utilizados partem do pensamento de Freud e dos desenvolvimentos de Lacan, tendo como referência, portanto, a psicanálise. Tratam-se de autores reconhecidos nacional ou internacionalmente, tendo muitos deles os seus escritos traduzidos para o português, quando não, buscou-se a referência original como forma de utilizar estas para a construção do entendimento acerca da temática.

Capítulo 1 - Aspectos gerais da questão da crença.

I. Freud e a crença.

Para traçarmos um panorama teórico da relação entre a crença e a contemporaneidade, é preciso partir da leitura dos textos básicos acerca da relação desta com a questão civilizatória. Para tanto, estabelece-se, aqui, então um retorno aos textos de Freud sobre a temática, onde ele elucida questões primeiras e estruturais referentes ao objeto estudado, que permitirão, em um momento posterior, um aprofundamento e a elucidação das hipóteses levantadas neste estudo.

O conceito de crença é forjado a partir de diversos ângulos ao longo da sua obra. O autor aborda desde a associação desta com fenômenos políticos até o que leva o sujeito a crer em um analista, passando, principalmente, pelos acontecimentos religiosos. Desta forma, diversas nomeações são ofertadas. O que se pretende, aqui, é efetuar uma leitura da intersecção entre a crença o desamparo, a partir do estatuto do sujeito.

Sendo assim, o que é tido como “social” aparece, em respeito a epistemologia psicanalítica, como uma estrutura. Trata-se, assim, de um conjunto de leis e regras que se dão a partir da cultura e se desdobram a partir da extensão do Outro. Apenas a partir desta constatação, é possível diferenciar este saber científico do campo das ciências sociais e estabelecer que, aqui, trata-se de investigar como o sujeito se engaja neste processo, tendo como ênfase a correlação estudada, a partir dos seus aspectos psíquicos. Ou seja, o campo psicanalítico oferece uma leitura diferenciada, o que é importante ressaltar, se pensarmos na questão limítrofe do conceito e no pouco cuidado que alguns estudos têm quando utilizam a psicanálise para abordar questões que são referenciadas como “sociais”.

Do ponto de vista macro, é importante ressaltar, antes de um desenvolvimento aprofundado acerca dos textos, a diferenciação que o autor faz entre religião e crença, pra estabelecer um conceito desta última e apresentar bases mais claras para o estudo. Ou seja, embora esta elaboração apareça nas bordas da relação entre a psicanálise e outros campos do saber, é possível extrair uma formulação teórica própria dos estudos psicanalíticos.

Freud afirma que a religião existe por causa da crença, mas que estes são processos de ordem diferente, embora estejam correlacionadas em diversos momentos. Desta forma, segundo o autor, a distinção entre religião e crença dá-se, pois, a crença, é anterior a religião, e não está implicada em um sistema organizado. Sendo assim, a crença é utilizada para sustentar a religião, e diz respeito a dar um sentido a algo da realidade interna ou externa que a pessoa desconhece.

Freud põe ênfase na questão do “ensinamento” para diferenciar dois tipos de crença. A primeira relaciona-se ao saber que assume um caráter científico, e é passível de ser verificada por outras pessoas. Trata-se, assim, portanto de uma crença fundamentada em um saber compartilhado, que se aproxima do que o autor teoriza como sendo a dimensão simbólica. Ou seja, é possível traçar e verificar os caminhos pelo qual aquele conhecimento foi estabelecido.

Para exemplificar o outro tipo, o autor cita as ideias religiosas. Estas não são passíveis de serem verificadas, estão fundamentadas em “provas” pré-históricas e não podem ser questionadas. Aqui, observa-se a questão do imaginário. Para o efeito deste estudo, vamos estabelecer que a partir de Freud é possível distinguir a existência de uma crença do simbólico e uma do imaginário.

A questão do imaginário é bastante presente no Futuro de Ilusão (1926). O autor aborda esta, a partir da ênfase da ilusão e destaca, ao longo da sua dissertação, o papel do desejo na sua sustentação. O desejo é, assim, de acordo com Freud (1926), a partir do caráter ilusório citado, um meio de deformar a realidade, dispensando, assim, qualquer relação com esta.

Outro ponto referente a esta relação é a questão do sentimento oceânico. Ou seja, a partir da crença, o sujeito é remetido a uma sensação infantil de completude, onde não jaz a falta, portanto a angústia, nem tampouco o desejo, mas uma espécie de dissolução entre o eu e os objetos.

Não se pretende, aqui, então, dividir a crença que remete a religião, da ciência, traçando paralelo entre o simbólico e o imaginário, conforme o estabelecido pela leitura freudiana. É sabida a fascinação que Freud tinha pelo saber científico e a esperança que ele tinha no mesmo como futuro substituto da religião. Ele apresenta esta tese no seu escrito de 1926. A substituição da fé pela razão pautada no saber científico aparece em diversos momentos neste texto e é retomada em outros momentos da sua obra, como por exemplo, em *O Mal-estar da Civilização* (1930) e *Acerca de Uma Visão de Mundo / A questão de uma Weltanschauung* (1932.).

Trata-se, aqui, de extrair a diferenciação entre a crença no simbólico e no imaginário e de estabelecer o seu conceito como uma questão que envolve o ensinamento, portanto o Outro, e que se refere aquilo que o sujeito não pode verificar imediatamente e remete a algo que lhe falta do ponto de vista psíquico. A diferença é, portanto, que a crença no simbólico, ao contrário da imaginária, faz alusão a um objeto.

Este estudo pretende, assim, seguir, em um momento inicial, os postulados freudianos, a partir da perspectiva cronológica, para depois estabelecer os estudos contemporâneos. Desta forma, mantém-se a correlação da crença com o desamparo e pretende-se, aqui, investigar a sua incidência que se correlaciona com o Outro e com o seu desdobramento na cultura.

II. A questão do pai e o processo civilizatório. A crença, a lei e o desejo.

Freud, em *Totem & Tabu* (1912/1913) desenvolve diversos recursos teóricos importantes para o entendimento da relação entre o

surgimento da civilização e a questão da crença. Neste estudo o autor se vale de um objeto da antropologia social para o desenvolvimento da psicanálise, que são as sociedades primitivas. O criador da psicanálise se refere a este campo de estudo como sendo a “psicologia dos povos.”

Este escrito freudiano parte, inicialmente, da constatação de que o horror e o desejo de incesto estão presentes em todas as sociedades. Logo, ao se questionar a razão disso, Freud inicia o estudo das tribos primitivas para a compreensão deste elemento. Ele visou com isso aprofundar o seu entendimento acerca do psiquismo humano, tomando como referência a questão do funcionamento neurótico.

Para dar conta da questão, o autor apresenta suas ideias em quatro ensaios, que coincidem com os pontos mais importantes deste texto. O primeiro deles é o horror ao incesto, o segundo o tabu e a ambivalência dos sentimentos, o terceiro o animismo, a magia e a onipotência dos pensamentos e o quarto o retorno do totemismo na infância. Pontuaremos sobre eles nos parágrafos seguintes.

O ponto principal da hipótese científica é apresentada por Freud somente nas conclusões do seu escrito, portanto no quarto ensaio. Nesta, antes do surgimento da civilização, haveria um pai primevo, detentor de todo o gozo. Logo, todas as mulheres pertenceriam a ele e todos os filhos estariam submissos à sua autoridade. Esta seria, então, a base do que pode se considerar como o modo de funcionamento pré-civilizatório.

Depois, os filhos teriam se revoltado contra esta posição do pai e o teriam matado, como forma de destituir esta posição de poder absoluto. A partir disso, então, há uma série de consequências para o funcionamento psíquico, dentre elas está a renúncia à possibilidade de ocupar a posição do pai e o estabelecimento de uma série de formas rudimentares de lei, de modo a evitar que o laço social primitivo se desfizesse e alguém viesse a retornar a esta posição totalitária. Para que isso ocorra, um totem é posto no lugar do pai morto.

Retornando ao primeiro ensaio, o autor traça um caminho sobre o que caracterizaria este totem e qual seria a função dele. O totem, segundo Freud (1912/1913) mais comumente assumiria a forma de um

animal, mas poderia ser ainda uma planta, ou um outro elemento da natureza. O autor destaca a questão afetiva do clã como aquela que elegia qual seria o elemento totêmico. O autor parte, então, para o estudo dos aborígenes australianos para elaborar esta hipótese

A partir do estudo da tribo citada, Freud levanta que a questão primordial do totem, por sua vez, é a associação com o incesto. A sua conclusão é a de que o incesto está presente na consciência dos povos primitivos e precisa de um elemento que estabeleça a proibição do desejo, como forma de conservar o laço social. No caso citado, o totem surge como um elemento que visa proibir este desejo.

No quarto ensaio o autor chega a conclusão de que o horror do incesto surge, assim, como efeito da queda do pai primevo, já que o desejo incestuoso permanece e agora deriva uma culpa a partir desta. Quando Freud (1921) retoma o texto de 1912/1913, ele expõe a concepção de que a partir do surgimento clã totêmico, houve a instauração da lei social. Isso quer dizer que a lei se funda a partir da culpa proporcionada pelo horror do incesto, e tem como consequência a criação de rituais para expiá-los.

Esta questão, por sua vez, associa-se diretamente com a segunda parte da elaboração freudiana deste texto, que se refere aos desenvolvimentos acerca do tabu. O tabu, segundo Freud, antecede os sistemas morais e religiosos, e refere-se àquilo que é da ordem do proibido e tem como objetivo a proteção de algo que se caracteriza como sendo importante para o grupo, como uma pessoa, um processo ou um objeto.

Ao desenvolver esta questão, o pai da psicanálise chega a conclusão de que a função do tabu tem como objetivo evitar o desejo de matar o animal totêmico e de ter relações sexuais com pessoas do mesmo grupo totêmico. Logo, o autor conclui que o tabu surge para evitar a existência de uma ação que parte de um desejo existente previamente no inconsciente. Caso a pessoa cometesse o ato, viraria o próprio tabu, como meio de evitar a dissolução do laço social.

Freud (1912/1913) chega a conclusão, então, de que a compreensão do tabu está associada com a formação da consciência moral. Trata-se, assim, de acordo com o autor, da mais antiga forma para a consciência que existe.

Este tabu, por sua vez, desaparece nas formas seguintes de agrupamento humano. Para dar conta desta questão, o autor parte da constatação de que, nas formas mais primitivas, o tabu é projetado para os demônios e relaciona-se com as primeiras formas do que poderíamos considerar como “instituições pré-religiosas.” Freud em seguida desenvolve sobre o animismo, onde expõe as diferenças entre a proibição do tabu e a proibição moral.

O animismo diz respeito, fundamentalmente, a crença dos povos primitivos de que o mundo era habitado por espíritos, de modo a resolver o impasse acerca do real que lhes apareciam e era tomado como inexplicável. Trata-se, aqui, de acordo com as palavras do autor, de um sistema de pensamento, de uma visão de mundo, que posteriormente é sucedida pela religiosa e pela científica.

De uma maneira geral, este sistema de pensamento era realizado a partir do desejo e da sua associação com uma concepção mágica acerca do mundo. A questão aqui é, portanto, a alteração da realidade a partir do desejo, por meio mágico. Posteriormente, Freud alinha isso como sendo a onipotência do pensamento.

O desejo proibido assume, então, um caráter primordial. O pai da psicanálise diz que a criação de espíritos está associada aos preceitos do tabu, ambos se associam com as primeiras restrições morais. O que acontece é que, portanto, parte daquilo que é psíquico, interno, é projetado para o mundo e aparece na forma dos demônios que vem, por exemplo, realizar a punição diante do desejo proibido que lhe é interno, a partir da referência de que aquilo aparece como sendo da ordem do interdito.

Diante das elaborações freudianas apresentadas, é possível dizer que o sistema moral se forma a partir do momento em que ocorre a instituição de que a onipotência do pensamento pertence aos Deuses. A

partir disso, estabelece-se a crença religiosa e as primeiras formas grupais em torno das mesmas. Logo, há, portanto, a queda do tabu e o estabelecimento das primeiras formas de leis pautadas na moralidade. A diferença do tabu para o sistema moral é, portanto, a de que o primeiro implica numa certa dose de onipotência de pensamento, enquanto no segundo já havia uma renúncia maior a esta, o que implica na possibilidade das religiões surgirem.

O autor destaca, no ensaio seguinte, o papel primordial que a consciência de culpa diante da morte do pai teve como elemento que permitiu, tanto o surgimento do totem, quanto das religiões organizadas. Esta é, então, um meio de compensação pela realização de uma ação proibida primeira, que é a morte do pai e que já foi citada anteriormente. “A sociedade repousa então na culpa pelo crime cometido; a religião na consciência de culpa e no arrependimento por ele; e a moralidade em parte nas exigências dessa sociedade em parte nas penitências requeridas pela consciência de culpa.” (FREUD, 1912/1913, p. 223)

Freud (1912/1913) associa, ainda, a questão do totemismo com a infância para demonstrar a realidade histórica desta hipótese. Deste modo, ele demonstra como o complexo de Édipo está associado com tal processo de ordem primitiva. Para fundamentar este ponto, ele parte da premissa de que os dois mandamentos do totemismo (não matar o totem e não ter relações sexuais com a mulher que está no totem) aparecem nas questões Edípicas, a partir do momento em que a criança expressa o desejo de matar o pai e ocupar o seu lugar perante a mãe. Esta, por sua vez, dá fundamento a hipótese da criação da civilização, que é a última grande conclusão de Freud neste ensaio e que foi citada no início deste escrito.

Trata-se, assim, portanto, em Freud (1912/1913) de demonstrar a experiência de desamparo diante do efeito que emerge a partir da entrada na linguagem. Observa-se uma relação com o horror causado pelo desejo e pela culpa ocasionada pelo efeito psíquico da lei que o coloca como proibido. A crença surge como meio de apaziguar este desamparo, ao mesmo tempo que também faz o papel de lei, a partir do fato de que se

caracteriza como aquilo que estabelece o que é da ordem do sagrado e se separa, do ponto de vista da consciência, do desejo, assumindo o caráter de lei externa e regulando aquilo que é da ordem do psíquico. Trata-se, assim, de uma justificativa para a existência da lei.

Freud discute a relação entre crença e desamparo a partir de diferentes momentos da sua obra. Freud (1919) em “O inquietante / o estranho” ressalta que aquilo que provém da ordem da angústia, do sentimento de inquietante não é algo alheio ao psiquismo do sujeito. Trata-se, aqui, portanto, de discutir a questão daquilo que está fora da representação, tanto em relação ao desejo que permanece inconsciente, quanto ao do efeito do real. “Esse unheimlich não é reamente algo novo ou alheio, mas algo há muito familiar à psique que apenas mediante o processo da repressão alheou-se dela.” (FREUD, 1919, p. 360)

Como meio de fundamentar a questão do inquietante, o autor traz diversos elementos que promoveriam tal sentimento, mas primordialmente traz a questão da incerteza intelectual diante da morte como efeito gerador do desamparo. Desta forma, ele destaca a incapacidade do conhecimento científico em dar conta da questão. Diante disso, Freud (1919) relata que as religiões insistem em negar importância ao fato indiscutível da morte individual e fazem prosseguir a existência além da vida. Aqui, a crença na religião aparece como um elemento, que a partir da onipotência do pensamento, para dar conta daquilo que emerge como angústia diante do real.

Já em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921) o autor retoma *Totem & Tabu* (1912/1913) e estabelece que o fenômeno de formação da massa é semelhante ao da horda primeva. Isso quer dizer que há, nesta, a dissolução do eu em prol de um líder ou um ideal e que apesar do psiquismo apresentar-se de forma diferente, algo desta ordem permanece vigente.

A partir disso, então, o autor abre uma nova vertente de desenvolvimento teórico. O pai da psicanálise abre espaço para que a relação entre crença e desamparo seja compreendida a partir da questão das massas. Este é, portanto, um ponto importante, pois a alienação a

uma crença pode estar respaldada por um fenômeno desta natureza. Isso não entra em contradição com o que Freud (1919), apresenta, por exemplo, pois em 1919 ele dá ênfase na questão dos efeitos da crença sobre o indivíduo, mesmo que possamos pensar, do ponto de vista psicológico, ele pode estar dentro de um fenômeno de massa. Trata-se, aqui, de entender “Psicologia das Massas e Análise do Eu” como uma vertente diferente do mesmo fenômeno, pois refere-se àquilo que se dá na ordem da “coletividade”.

Compreender que, Freud, ao fazer essas elaborações, diferencia o conceito de “grupo” das “massas”, é fundamental para se aprofundar as questões estruturais do fenômeno estudado. Para que se considere a formação de uma massa é preciso, então, que haja ligação libidinal entre seus membros. Ou seja, é preciso haver um elemento que faça laço entre aqueles sujeitos, que é a identificação a um líder ou a uma ideia. Uma questão se impõe neste sentido ao pensamento psicanalítico é: até que ponto a filiação a uma crença é de um sujeito, singular e se dá a partir do Outro, ou é simplesmente o efeito da entrada em um fenômeno de massa?

Para chegar a sua concepção teórica, Freud parte dos estudos de Le Bon e se questiona o que é uma massa, de que maneira ela adquire a capacidade de influenciar na vida psíquica do indivíduo e qual é esta modificação psíquica que ela proporciona. O autor levanta a hipótese que, neste tipo de fenômeno, a individualidade é dissolvida, e a partir disso, diz que os indivíduos, neste estado, estão sugestionáveis a um líder.

Quando retoma a questão do que é uma massa, o autor ressalta que esta é influenciável, deseja as coisas de forma volúvel, tem baixa tolerância a não-realização do seu desejo, é acrítica, tem sentimentos simples e exaltados e enfatiza o caráter de que não há dúvidas, nem incertezas. Freud faz menção ainda ao fato da massa comportar-se a partir de extremos, exaltando-se com facilidade e levando leves sentimentos de apatia, a intensos sentimentos de ódio.

Em uma nota de rodapé, Freud (1921) compara este fato com a vida afetiva da criança, pois nela, os afetos se comportam dessa forma.

Trata-se, aqui, portanto, de uma nova ênfase na psicologia dos neuróticos. É possível dizer que tais formações fenomênicas tem um caráter bastante acentuado no que se refere a perda de contato com a realidade e com a alienação a partir da fantasia. Isso quer dizer que há um gozo em alienar-se a uma massa que se dá a partir da repetição de uma vivência infantil de onipotência, muito semelhante ao que Freud (1927) classifica como sendo da ordem do sentimento oceânico, ou seja, da dissolução entre o eu e o objeto.

Feita esta primeira elaboração no seu escrito, Freud (1921) estabelece distinção entre o que se caracteriza como sendo uma massa desorganizada e uma massa organizada. Na sua referência a “massa desorganizada” trata-se daquela que inibiria o indivíduo do ponto de vista intelectual. Já na massa organizada não há dissolução do eu, ou seja, o sujeito mantém-se, do ponto de vista intelectual, da mesma forma do que quando estava fora da formação da massa.

O autor critica as noções que dão ênfase no fator afetivo e na noção de individualidade para a compreensão de um fenômeno de tal natureza e traz a questão da sexualidade, a partir do conceito de libido. Logo, a composição da massa se dá, portanto, em decorrência da ligação libidinal. Para justificar a imersão do sujeito e a dissolução do eu, ele traz a questão da demanda de amor. “Se o indivíduo abandona sua peculiaridade na massa e permite que os outros o sugestionem, que ele o faz porque existe nele uma necessidade de estar de acordo e não em oposição e eles, talvez, então, “por amor a eles.”. (FREUD, 1921, p. 45)

A partir disso, Freud traz a noção de crença quando enfatiza dois tipos de ligação libidinal possíveis na massa, a partir da análise da igreja e do exército. De acordo com o autor, as ligações libidinais da igreja estão dirigidas ao líder supremo, no caso que ele analisa, Cristo, enquanto que no exército, a ligação se dá entre os membros, tendo em vista que, apesar de haver um general, ele não ocupa a mesma posição de Pai que Jesus Cristo na igreja. Freud (1921) destaca ainda que no fundo, toda religião é uma religião de amor para aqueles que a abraçam, e tende à crueldade e à intolerância para com os não seguidores.

Tal elemento leva Freud a teorizar acerca das identificações. O autor chega a conclusão de que esta foi a primeira forma de ligação entre as pessoas. Ele teoriza acerca da identificação edípica (ocorrida durante o complexo de Édipo a partir das funções), da histérica (trata-se aqui de uma identificação pelo sintoma) e da narcísica (a partir da introjeção do objeto) e diferencia estas da questão do objeto tomado a partir de uma escolha. A questão é que a identificação pode promover uma mudança no eu, enquanto a escolha tomada pela via do objeto, não. Ainda que ressalte, a partir da análise do caso Dora e do seu sintoma da tosse do pai, que pode ocorrer uma confusão entre o processo via identificação e via escolha do objeto.

O autor desenvolve isto para levantar a hipótese de que na massa é preciso que ocorra uma identificação com o líder. Freud apresenta posteriormente a concepção de que a identificação pode ocorrer também entre os membros da massa. Nesse caso, a figura do líder é substituída por uma ideia uma ideia ou ideal posto no lugar do líder.

Por fim, há a retomada do texto Totem & Tabu (1912/1913), novamente, para chegar as suas considerações finais do texto. Freud estabelece que no estado pré-civilizatório existiam dois tipos de psicologia: a do pai e a dos filhos, que submetiam a este, que era o chefe da horda. A posição do pai era narcisista, enquanto a horda teria ligações libidinais a partir da identificação decorrente da sua posição diante do chefe. “Sabemos que o amor refreia o narcisismo, e poderíamos demonstrar que em virtude disso tornou-se fator de cultura.” (FREUD, 1921, p. 86) Sendo assim, a conclusão que autor chega é a de que o “pai” da massa teria posição análoga ao pai da horda, sendo portanto, um aspecto primitivo do psiquismo.

A conclusão do autor, é, portanto, que há um fator sexual, a partir das pulsões inibidas em relação a meta, que propiciam a formação da massa. Desta forma, ele retoma a questão do exército e da igreja para expor duas vertentes diferentes, enquanto no exército o general é posto no lugar de Ideal de Eu e a partir disso ocorrem as identificações, os cristãos identificam-se diretamente a partir de uma ideia (no caso, a de

um “pai morto” Jesus Cristo). Freud prossegue afirmando que “talvez o herói divinizado tenha sido anterior ao deus-pai, o precursor da volta do pai primordial como divindade.” (FREUD, 1921, p. 103)

Trata-se, portanto, neste texto, de perceber como a questão da crença se relaciona com o Ideal de Eu e com a formação da massa. Sendo assim, os fenômenos religiosos e políticos, também são de tal natureza e neles incidem todas as questões citadas por Freud (1921), a questão passa a ser, portanto, se na atualidade a composição das massas ainda é esta e se a crença se dá por essa via, o que será respondido nos capítulos seguintes.

Freud (1927), no texto “Futuro de uma Ilusão”, se mostra temeroso quanto ao efeito do fenômeno das massas como elemento presente da civilização. Neste ponto, ele destaca, portanto, a capacidade de um líder induzir às massas barbárie. Aqui, ele expressa temor, em relação ao seu potencial destrutivo ante a civilização, o que é concernente a época, já que este momento é posterior a primeira guerra mundial e presencia a ascensão de governos fascistas e ditatoriais que, depois, acabariam por desembocar na segunda grande guerra.

Já em 1930, no texto “O Mal-Estar na Civilização” Freud vai aprofundar o entendimento acerca do estatuto do sujeito diante do processo civilizatório. O primeiro ponto que ele aborda no texto é a questão dos ideais da multidão, classificado por ele como supérfluos, pois se atém a bens materiais e a questão da religião. Ambas guardam, por detrás de si, a questão da crença e da ilusão. Tais elaborações demonstram um aprofundamento teórico em relação ao entendimento de Freud (1926).

A questão que Freud (1930) aborda, também está associada com o que ele apresentou em Psicologia das Massas e Análise do Eu (1921), tendo em vista que retoma a questão da dissolução do eu. Aqui, o autor apresenta, a partir de um desenvolvimento acerca da religião, a crença como um elemento que pode provocar uma perda da fronteira entre o eu e o objeto, o que gera um sentimento de fusão, oceânico, que o autor classifica como uma fase primitiva do ego.

Freud também apresenta a questão da economia do prazer e da felicidade para o debate acerca do processo civilizatório. Sendo assim, segundo ele, a vida não tem uma finalidade, sendo esta associando-se, portanto, do ponto de vista psíquico, ao princípio do prazer. “Como se vê, é simplesmente o programa do princípio do prazer que estabelece a finalidade da vida.” (FREUD, 1930, p. 30). Diante disso, a questão que o autor traz é que a religião é capaz de dar sentido a este desamparo ofertado pela condição humana, dando, ela mesma, uma resposta a isso, a partir dos seus preceitos e mandamentos.

Avançando nesta questão, portanto, são as fontes de desprazer – e de desamparo - que assumem um ponto central neste ponto do escrito do pai da psicanálise.

O sofrer nos ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que fadado a declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós, com forças poderosíssimas, inexoráveis e destruidoras; e, por fim, das relações com outros seres humanos. (FREUD, 1930, p 31.)

O autor traz diversos elementos capazes de dar conta deste desamparo, mas destaca novamente a religião e relaciona, nas partes seguintes do texto, com a questão do infantilismo psíquico que poupa o sujeito da neurose individual. Freud destaca que o caminho para a felicidade é singular e que depende da economia libidinal de cada um. Sendo assim, a religião, ao propor um caminho coletivo, promete aquilo que é da ordem do impossível. Deste modo, o que o autor destaca é a substituição da responsabilidade de construir um caminho singular para se alcançar a felicidade pela promessa religiosa que se dá a partir da entrada em um fenômeno de massa.

A partir disso, debate-se o próprio estatuto da civilização. De acordo com ele, o progresso técnico-científico promove mudanças no que se refere a economia do prazer, mas que não são capazes de tornar o homem mais feliz do que era no passado. Para chegar a esta conclusão,

o autor retoma a premissa da singularidade e da subjetividade do processo da conquista da felicidade, ou seja, por mais que os progressos surjam e questões sejam resolvidas, novas problemáticas surgem adiante.

Podemos dizer que o que ocorre, portanto, é que o progresso científico é uma tentativa de controle em face ao desamparo provocado pelo real. No entanto, isso provoca um efeito de redução da própria satisfação do sujeito em decorrência dos sacrifícios proporcionados pelas limitações impostas pelas leis. Trata-se, portanto, do estabelecimento de uma ética cultural que se dá a partir das normas jurídicas efetivadas a partir do progresso civilizatório.

O autor discute a questão do amor, a partir da concepção de que ele é uma pulsão sexual inibida em sua meta, e, portanto, um meio de promover o laço social. Sendo assim, do ponto de vista da crença, ele traz o mandamento “ama o próximo como a ti mesmo” e diz que esta ligação libidinal só é possível a partir do fato de que deve existir algum outro meio de externar a agressividade, em especial àqueles que não pertençam a esta massa. Como meio de justificar tal concepção, ele cita a intolerância do cristianismo aos que não pertenciam a tal ordem, apesar do mandamento bíblico.

A partir disso, o autor introduz a questão de que o conflito entre a pulsão de vida e pulsão de morte foi fundamental para o processo do desenvolvimento civilizatório, tendo em vista que permitiu a evolução cultural, a partir do momento em que permite que haja separação e união entre os sujeitos. A pulsão de morte também coloca a agressividade como inata ao ser humano. Sendo assim, por serem elementos que tem orientações opostas, e muitas vezes divergentes, tal conceito introduz o conflito como sendo presença constante na dinâmica intrapsíquica do sujeito.

Depois, no desenvolvimento da sua teoria, Freud insere a dinâmica do conflito no campo do superego. Este se forma a partir da problemática do medo de perder o amor dos pais e que isso insere, novamente, a questão do desejo. Este se dá a partir do momento em que não é

necessário ter cometido um ato transgressivo para haver sentimento de culpa, mas apenas deseja-lo. Isto insere-se diretamente na questão da problemática do prazer e acentua a questão da dificuldade do homem se satisfazer na civilização, ao mesmo tempo que retira dos objetos externos a possibilidade de alcançar um estado regular e constante acerca da felicidade.

O autor termina o texto, se afirmando pessimista quanto aos efeitos do progresso da ciência em relação à civilização humana, tendo em vista que ela própria, poderia aniquilá-la. É importante ressaltar que Freud observa, aqui, o início da ascensão do nazismo, está num período entre guerras marcado pela intensa hostilidade entre as nações e por tensões constantes entre elas.

Tanto é que Freud, logo após este texto, em, 1932, escreve “Por Que a Guerra? [Carta a Einstein], onde expõe que a violência é um meio de resolver conflitos desde os primórdios da humanidade e que apenas o desenvolvimento de uma instância superior seria capaz de conter os seres humanos, tendo em vista que se trata de algo inato que se personifica a partir da pulsão da morte. Aqui, por sua vez, ele refere-se a uma instância política, destituída da noção da crença baseada, por exemplo, na religião. O autor responde, aqui, ao desamparo, a partir de uma concepção racionalista e que, mas que não entra em contradição com o seu escrito de 1930, tendo em vista que ele trata de um tema diferente e específico, que é a guerra.

O último grande ponto da relação entre crença e desamparo na obra freudiana ocorre em “Moises e o Monoteísmo (1939).” Neste, de acordo com o pai da psicanálise, do ponto de vista da relação de amparo, a crença assume o mesmo papel que tinha para o homem primitivo.

Esse deus assume posição por trás dos pais mortos [do clã], a respeito de quem a tradição ainda tem algo a dizer. Um homem de dias posteriores, de nossos próprios dias, comporta-se da mesma maneira. Também ele permanece infantil e tem necessidade de proteção, inclusive quando adulto; pensa que não pode passar sem o apoio de seu deus. (FREUD, 1939, p. 142)

A partir disso, o autor elabora a concepção de monoteísmo partindo do seu escrito de 1912/1913. A hipótese do autor é a de que a questão da morte do pai permaneceu recalcada no inconsciente dos sujeitos, diante disso houve uma transferência a um “Deus” externo a partir de uma série de ações psíquicas. E, diante disso, criou-se uma propensão a existência de religiões baseadas na filiação paterna, monoteístas.

Conclui-se, assim, que a primeira ênfase que Freud dá para a questão da crença está em correlação, primeiramente com o desamparo que se dá entre a entrada na cultura e todas as consequências que já foram citadas anteriormente, e o estabelecimento da Lei do Pai, que é a lei do desejo. A crença surge, assim, como um alento, tanto aos perigos do mundo externo, quanto às questões internas referentes ao horror provocado pelo desejo que se dá na sua dissintonia com a lei e a possibilidade de fazê-lo virar ato.

. A partir disso, há uma série de outras consequências que se dão a partir da implicação da crença no sistema neurótico, como Freud expõe no texto O Tabu da Virgindade (1918). Com o avanço civilizatório, a crença passa a existir em sistemas e instituições organizadas, como em grandes religiões. Desta forma, ela ganha outras possibilidades, diria que mais eficazes, de aplacar ao desamparo, mas que estruturalmente ainda mantém as questões fundamentais expostas em 1912/1913. Trata-se, assim, de incluir também a questão do mal-estar da civilização provocado pelo avanço da cultura, como elemento que permitiu o avanço destas instituições.

Percebe-se, assim, que Freud assume o papel da crença predominantemente dentro do campo do simbólico e da coletividade, apesar dos elementos imaginários. Avançando a questão, esta responde ao desamparo, a partir da demarcação de união, da demanda de amor e da ligação libidinal com o outro. Trata-se, aqui, portanto, de ressaltar a ênfase dada pelo autor na questão da economia do prazer como elemento primordial para a compreensão da relação entre crença e

desamparo. A partir dos desenvolvimentos apresentados neste capítulo, começaremos a investigar, no capítulo seguinte, a incidência destes fenômenos na contemporaneidade.

Capítulo 2 - A pulsão a fantasia e a crença - a contemporaneidade e a precarização do simbólico.

I – Os caminhos da pulsão a partir de Freud e a questão da mudança na ordem simbólica.

Como apontamos em Totem & Tabu (1912) é possível observar como se dá o surgimento do fenômeno da crença no ser humano. De acordo com o escrito freudiano, esta ocorre a partir do momento em que o totem, é estabelecido, o que gera o tabu e a repressão, e, como consequência faz com que a cultura surja. Sendo assim, é este totem que assume o caráter de crença e desnaturaliza a pulsão, colocando o homem dentro do campo da linguagem. Trata-se, assim, portanto, de um ato psicológico. A civilização, desta forma, se funda em conjunto com a crença.

Quando o autor retoma este texto em Tabu da Virgindade (1917) ele estabelece a relação do tabu com o sistema neurótico. Sendo assim, se o homem primitivo tinha mecanismos psíquicos simples na sua relação com o mundo, com o desenvolvimento da civilização isso ganhou outra conotação. Veremos como, é possível afirmar que o movimento da pulsão em torno da crença se tornou mais complexo, em decorrência do desenvolvimento do aparelho psíquico e do aumento da exigência da renúncia pulsional. Trata-se, aqui, também, de um movimento de desenvolvimento do campo do simbólico.

Em “Os Instintos e Seus Destinos” (1915)¹ Freud desenvolve os destinos possíveis para a pulsão. Estes são: *a reversão no contrário, que diz respeito a substituição de uma meta ativa por uma meta passiva, o*

¹ Na tradução da editora “Companhia das Letras”, optou-se pelo termo “instinto” para a tradução do termo “trieb” do alemão. Há divergências com o tradutor, a partir de que, historicamente, os psicanalistas optaram por pulsão, tendo em vista que “instinto” é um termo da biologia que diz respeito ao comportamento animal que tem uma meta e um objeto definidos, enquanto Freud cria o termo “trieb” justamente para se opor a isso, desnaturalizando a condição humana.

voltar-se contra a própria pessoa, em que o que muda é o objeto, em sendo que a meta permanece a mesma; a repressão, onde a pulsão sofre um processo de recalque e a sublimação em que ela ganha um novo objeto e um novo objetivo. Há ainda, de acordo com Brodsky (2014), um quinto destino que o autor aponta no texto “A Repressão” (1915), que é a transformação em angústia. É preciso, aqui, recordar também, que em relação a sua estrutura, Freud classifica a pulsão via quatro termos: impulso, fonte, objeto e alvo.

Em relação a proposta freudiana, é preciso desfazer uma clássica interpretação e errônea de que a pulsão de vida estaria ao lado da vida e a pulsão de morte estaria ao lado da morte e da destruição. Desta forma, entende-se que a própria pulsão de vida, a partir do excesso de ligações, poderia estar ao lado da morte e a pulsão de morte é necessária para a vida, a partir do momento que estabelece uma alteridade e permite que o sujeito afirme a sua existência. Isso quer dizer que é o conjunto da pulsão de vida/morte que permite que a vida subsista, de modo que esta depende da alteridade constante das ligações e separações que os sujeitos podem promover com os objetos. É preciso, também, ressaltar que as pulsões de vida e de morte nunca atuam separadamente, embora possa haver predomínio de uma ou de outra a depender da situação.

Dito isso, podemos então afirmar que a sexualidade, no ser humano, distingue-se da biologia e entra no terreno da cultura. A partir daí, temos a diferença entre pulsão e instinto, desejo e necessidade. Não se trata, no ser humano, de pensar em “necessidade” a partir da biologia, e isso é o elemento principal ao qual o conceito de pulsão se opõe. Brousse (1997) expõe a diferença entre pulsão e necessidade a partir da questão da linguagem. Sendo assim, a relação entre pulsão e significante tira a sexualidade do homem do terreno da biologia.

A partir de Freud (1930) portanto torna-se possível aprofundar o estudo da relação entre crença e pulsão. Para tanto, é preciso retomar a citação que o autor faz da frase da bíblia “Ama teu próximo como a ti mesmo.” Nesta, observa-se que há o convite ao recalque da agressividade em prol do laço social – o que é intermediado pela crença

que está regida pelo simbólico e faz alusão a união do grupo religioso, afinal, são preceitos que se instauram como uma norma coletiva e se impõe a esta ordem.

Sobre esta questão, o autor, em 1915, diz que, no nível da pulsão, o amor se opõe ao estado de indiferença e de insensibilidade. Para tanto, há três oposições: amor-ódio, amar-ser amado, e amor “e” ódio. O que se observa, a partir da frase citada, é, portanto, a conversão do ódio provocada pela alteridade do outro, em amor, o que também está relacionado com o amar-ser amado, que é uma questão narcísica que faz ligação entre a crença e aquilo que é da ordem da demanda do sujeito.

Do ponto de vista da possibilidade da interpretação lacaniana, trata-se, aqui, do significante que se estabelece a partir da demanda do Outro, no caso, o Outro da religião. Tomando esta referência há a promessa do apaziguamento dos conflitos onde o “amor” deve ser a regra, de modo que é feito um convite para que o sujeito ame o outro, através da ideia de que o outro o amará também. Trata-se, portanto, do laço social estabelecido a partir da promessa que a demanda de amor será plenamente satisfeita pelo Outro, o que é um motor de atração poderoso para possíveis fiéis.

Observa-se, também aí uma resposta ao desamparo. Se há apenas amor, não há ódio, portanto não há hostilidade vindo do Outro. A conexão, aqui, pode ser, portanto, estabelecida entre crença e desamparo, pois esta responde a essa dimensão, conforme Freud (1930) expõe quando trata dos temores dos seres humanos (o temor das forças da natureza, a questão do declínio do corpo e o mal-estar causado pela relação entre os sujeitos.)

Nota-se que na época de Freud a crença estava regida predominantemente pela questão da dimensão do simbólico, cujo respaldo era mantido via presença de um Outro que aparecia de forma mais consistente e, logo, de um simbólico bem-estabelecido. Na atualidade, no entanto, temos mudanças subjetivas importantes que podem estar interferido na relação entre crença e desamparo, de modo

que se torna necessário uma investigação acerca das subjetividades contemporâneas, de modo a dar conta da questão.

Uma das mudanças observadas, neste sentido, na contemporaneidade, diz respeito a questão do recalque. A partir de Freud (1915) temos a concepção de que o recalque ocorre quando o motivo do desprazer é maior do que o do prazer. Trata-se, portanto, de uma operação a partir da castração que está regido pelo que se dá no ordenamento simbólico. Neste sentido, então, a repressão está na origem das representações substitutivas, que é um meio de aplacar a angústia. O que ocorre, então, é que as representações substitutivas surgem quando a recalque fracassa e a angústia permanece. A partir do ordenamento freudiano, Lacan vai pensar a angústia a partir de um viés diferente, que será apresentado posteriormente.

Aqui, observa-se, portanto, um pensamento clássico de uma sociedade ordenada pelo simbólico, de onde o superego se alimenta e a partir de onde ele se estrutura. Miller & Laurent (2005) destacam que as subjetividades da época atual, ao contrário da freudiana, regida pelo pensamento vitoriano, encontram-se, então, num impasse que estaria para além do mal-estar da civilização, pois ocorreria no nível da ética. A questão é, então, com qual ética se orientar no mundo?

Miller & Laurent (2005) ressaltam, ainda, que na contemporaneidade não há uma crise do saber, como no passado, quando os sujeitos eram regidos pelo ordenamento ao qual estamos nos referindo, mas uma crise do real. Isso quer dizer que há um mal-estar em torno da problematização do real e dos semblantes² que são produzidos a partir deste. Sendo assim, de acordo com estes, o próprio discurso da

² Semblante, de acordo com Kaufmann (1996), refere-se ao significado do discurso, Trata-se, assim, de uma suposta verdade, promovida pelo efeito da linguagem. Há aqui, então, o avesso do discurso do analista, pois este seria o único a promover a elisão entre o enunciado e a enunciação, promovendo assim a desconstrução da relação entre o semblante e a suposta verdade apresentada no nível do enunciado.

ciência foi o que destruiu a fixão (fixar/ficção) (os autores retomam um neologismo criado por Lacan) que girava em torno do real, a partir do momento em que o problematiza e não consegue mais ofertar as respostas.

Ahora bien -y aquí me adelanto-, el mundo de los semblantes, salido exclusivamente del discurso de la ciencia, se dedicó en:lo sucesivo (no es algo concluido hoy, pero está em curso }destruir la fixion de lo real, hasta tal punto que la pregunta ¿qué es lo real? solo tiene respuestas contradictorias, inconsistentes, en todos los casos, inciertas. (Miller & Laurent, 2005, p. 12..)

Por outro lado, Lebrun (2004) classifica o discurso da ciência como aquele que substitui o da autoridade religiosa, ou em outras palavras, destitui o simbólico e produz um novo laço social, tomando o lugar do mestre-sujeito pelo 'saber acéfalo-sujeito', a partir um vazio de ditos promovendo, assim, a alteridade em relação a função do pai. Primeiro, ele diferencia a questão do declínio do pai, em relação ao declínio dos pais, para indicar que esta queda se dá no nível da função. "Ser pai", contrariamente a "ser genitor", supõe acesso à dimensão simbólica e a linguagem.

A queda desta alteridade, se dá, portanto, a partir do momento em que há uma confrontação deste discurso com o lugar ocupado pelo pai, ou seja, ele é capaz de revelar a sua ausência e de estabelecer um vazio em torno do saber. Sendo assim, é possível dizer que há um deslocamento neste sentido, o que deixa este espaço em aberto. Desta forma, altera-se a relação com a questão do simbólico vai incidir na relação do sujeito com o real.

O que está em jogo, com a questão do pai, é a possibilidade da interdição do gozo a partir de um ordenamento simbólico, condição necessária para que seja possível a extração do desejo. Confronta-se, então, a sociedade ocidental com o fato de que, a sua maneira de fazer a renúncia necessária a partir da linguagem, declinou, abrindo um espaço vazio, com consequências para a formação da subjetividade. Isso altera a

forma como o recalque acontece, pois ele passa a remeter ao efeito do real, que passa a demonstrar aquilo que é da ordem do impossível. “O real não é o que retorna – o que retorna são os signos - , mas o que se repete como falta, é o encontro faltoso que Lacan designa como *tyche*.” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 43)

O discurso da ciência promove assim, em parte o apagamento do simbólico e, conseqüentemente, a precarização do mesmo, tendo em vista a queda da autoridade que era supostamente aquela que detinha o saber e, por outro lado, a oferta de um saber totalitário. Trata-se, assim, de um real que fica escancarado, a partir do momento em que a enunciação do saber científico confronta a dimensão simbólica e a apaga em seguida. No entanto, isso implica o esquecimento da simbolização que foi necessária para chegar até este ponto. A questão, portanto, para Lebrun (2010) é que este modelo promove uma cisão entre enunciado e enunciação, o que provoca uma dificuldade no estabelecimento do sentido do discurso.

O efeito daquilo que está fora da representação pode ser visto no texto de Freud “O Inquietante (1919)”. De acordo com o autor, trata-se de algo que remete a sensação de angústia e de horror, a partir da sua inesperada irrupção. Tal elemento leva a hipótese de que a experiência de recalque através do real é muito mais intensa para o sujeito, do que a do modelo de outrora, tal qual Freud teorizou.

Em outro ponto da crítica psicanalítica Bassols (2014), ao se questionar se seria possível uma ciência do desejo, em referência a psicanálise, diz que a ciência tem ocupado, ela mesma, o lugar do desejo, e o tem deslocado, o tem desalojado, para outro lugar em sua aliança com o discurso capitalista. Trata-se, assim, de um posicionamento inverso, o da psicanálise, em relação ao discurso da ciência, que se dá no nível da ética. Se a psicanálise responde pela ética do desejo, o discurso da ciência, por sua vez, vai responder pela ética da técnica baseada na tecnociência. .

É importante esclarecer que não se trata de demonizar a ciência, nem de não reconhecer os seus avanços, mas de estabelecer a distinção

entre a mesma e o efeito do discurso de caráter quase que “ideológico” na sociedade ocidental. Também não há idealização acerca de uma sociedade baseada no discurso religioso, tampouco uma nostalgia, mas uma compreensão do efeito estruturante e estabilizador que esta provocava, sobretudo no que se refere a dimensão do desamparo, conforme foi citado no capítulo anterior. E, também, de avaliar os efeitos sobre a relação entre a crença e o desamparo na contemporaneidade a partir das mudanças que vem sendo apresentadas aqui e quais são os semblantes que surgem a partir disso.

Por sua vez, falar da precarização do simbólico, também é fazer referência ao aumento da inconsistência do Outro. A consequência disto, por sua vez, é a pluralização de estilos de vida e a dificuldade da instauração de uma norma que consiga regular a todos, e o estabelecimento do imperativo superegóico do gozo.

O Outro, inconsistente da contemporaneidade, articula-se diretamente com o discurso da ciência. Sendo este, o lugar por excelência do inconsciente, isto o afeta diretamente, tendo em vista que se trata da forma como o sujeito se articula com o mundo.

O que ele propõe são as coordenadas de uma verdadeira subjetividade, quer dizer, de uma forma histórica e determinada de traços, de posições e de valores que os sujeitos de uma época têm em comum, em suas relações com o Outro, como discurso; no presente caso, o discurso da ciência. (Askofáre, 2009, p. 170)

Em um dos episódios da série “Black Mirror”, que em linhas gerais apresenta, em capítulos independentes, sátiras sobre os possíveis efeitos nocivos que o desenvolvimento tecnológico pode trazer no futuro, apresenta-se um retrato acerca do efeito do discurso da ciência, de modo que se pode compreender o que está sendo debatido aqui. Trata-se, assim, então, de um retrato acerca do efeito do discurso da ciência em relação às subjetividades.

No referido episódio a problemática central decorre do fato de que os personagens tem um chip implantado na cabeça que lhes permite

voltar e rever todas as memórias que já lhes aconteceram, a qualquer momento. A trama ocorre a partir do momento em que um personagem, desconfiado da traição da esposa, começa a observar, de forma obsessiva, todas as memórias relativas a um jantar que eles tiveram de onde partiu a suspeita. Diante disso, ele percebe expressões microfaciais, que fazem-lhe pensar que ela teve um caso com um dos presentes no jantar. A partir disso, e de uma série de outras análises, ele obriga, violentamente, o suposto amante a mostrar as memórias que havia tido com a sua esposa. A partir disso, ele vê as imagens e confirma a traição. Depois, faz o mesmo com a esposa, desconstruindo, portanto, a suspeita e estabelecendo-a como verdade. Conforme pontua uma das personagens, no mesmo jantar, eles não tem mais “memórias erradas”, o que acontece, assim, é que o discurso da ciência suplanta a incerteza. Por outro lado, isso impõe um simbólico precarizado em decorrência da ausência da falta, e o que acontece, diante disso tudo, é o desamparo, e a angústia, que se personificam na questão do ato do personagem que não suporta o incerto, e busca, a todo custo, estabelecer uma verdade absoluta, sem furo.

II - A Pulsão em Lacan e a precarização do simbólico.

Exposta a questão da precarização do simbólico, retomaremos a questão da pulsão, para poder aprofundar o entendimento da relação entre crença e desamparo na contemporaneidade a posteriori. Para tanto, tem-se como base, aqui, a elaboração lacaniana, que diz respeito a um monismo pulsional, ao contrário da proposta freudiana e referindo-se a ela em seu desenvolvimento teórico que “toda pulsão é pulsão de morte”. Tal conceito permite, portanto, um aprofundamento na relação com a questão da repetição e também permite efetuar a distinção entre a crença pela via da pulsão e pela via da fantasia.

Para chegar a esta compreensão Lacan parte da concepção de que toda pulsão é parcial, em decorrência da ausência de um objeto concreto para a mesma e da impossibilidade de se alcançar a satisfação

total. O parcial diz respeito, então, a ausência de finalidade biológica (um objeto fixo, total.) da sexualidade. Também assim, a pulsão é constante e retorna sempre ao mesmo lugar.

Diante disso, Lacan chega a conclusão que, por estar dentro da linguagem, a libido faz referência a morte e não a vida. Articula-se a isso o fato de que, todo ser humano sexuado tem que passar por uma perda que está ligada ao fato de que a libido amarra as zonas erógenas no inconsciente e isso está sempre em aberto. Esta perda é, portanto, a imortalidade da libido. A partir destas informações Lacan (1964/2008) afirma que toda pulsão refere-se a sexualidade no inconsciente e representa em sua essência a morte.

Em relação a questão estrutural da pulsão, Brousse (1997) afirma que no neurótico, a partir da demanda do Outro, que é feita a partir do que ele supõe como falta neste, a fantasia é reduzida a pulsão. Isso pressupõe uma relação com o significante. Desta forma, é possível dizer que a pulsão se articula a partir da relação do sujeito com o Outro.

Sendo assim, o circuito pulsional, em Lacan, a partir da leitura do postulado freudiano, se estrutura a partir da concepção de “montagem”. Logo, primeiro não se trata mais, de pensar em ativo/passivo, tampouco centra-se em torno da polaridade sexual. Isso quer dizer que há uma articulação entre o Outro e a sexualidade, de onde o sujeito extrai o seu desejo e a pulsão se articula a partir do contorno relativo a um objeto. O autor desenvolve esta concepção, a partir dos quatro termos de Freud. A pulsão, enquanto montagem, é da ordem da singularidade. “Y cuando Lacan afirma que la pulsión, tal como Freud la presenta, es un montaje quiere decir que estructura está conformada por elementos imaginarios, simbólicos y reales.” (BRODSKY, 2014, p. 121)

Lacan afirma que, em relação ao impulso, não se trata, neste conceito, de fazer uma associação com o campo da necessidade e, portanto da biologia, logo a pulsão é uma energia constante e não variável a partir de questões de tal ordem. “A constância do impulso proíbe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo. (LACAN, 1964/ 2008. p. 157)

Lacan, no seminário 11, também coloca a satisfação como ponto central da pulsão e estabelece novos contornos teóricos para tal questão. Para o autor, esta questão não se estabelece a partir de um objeto estabelecido, o que a coloca sempre contornando-o e fazendo alusão ao objeto *a*,³ causa de desejo. Depois, diante disso, a sublimação não promove a perda da satisfação e esta não está associada apenas com o prazer, mas também pode encontrar-se pela via do desprazer, como no caso do sintoma, onde o analisando mantém um gozo para sustentá-lo. Isso estabelece uma distinção importante entre o pensamento lacaniano e as escolas inglesas, que se estabelecem a partir das relações objetais, de uma concepção de pulsão que segue os estágios do desenvolvimento da libido bem definidos. Diante disso, também é possível dizer que não há alvo definido para pulsão. Logo, o autor estabelece também que a problemática da pulsão se dá na economia do prazer/desprazer, mas especificamente em relação ao princípio do prazer e toda a problemática que o implica.

É possível afirmar também que há um caráter conservador em relação a pulsão e esta se associa com a repetição. A repetição, portanto, está na submissão à ordem da linguagem e a mortificação proporcionada pelo significante, que por sua vez remete ao vazio e em última instância à ordem do desejo. Garcia-Roza (1986), a partir dos postulados freudianos e lacanianos, classifica esta como sendo de dois tipos: a repetição do mesmo e a repetição diferencial, assim, somente a segunda produz algo novo, transformador.

Dito isso, é possível afirmar que do ponto de vista da articulação entre a crença e a pulsão, é possível postular, primeiramente, que ela parte de um desejo inconsciente. No ordenamento simbólico da época de Freud, ela encontra respaldo, então, na fantasia e no fenômeno coletivo

³ O objeto *a* refere-se ao objeto causa de desejo. Este se distingue do objeto de desejo. Isso quer dizer, de acordo com Lacan (1962/1963) que trata de um objeto que fica atrás do desejo e que jamais pode ser alcançado. Trata-se, então, de um objeto que se estabelece no nível do inconsciente. Este faz referência a expressão do objeto *a* como falta, ao qual se articula o matema da fantasia $\$ \leftrightarrow a$. Sendo assim, o objeto *a*, a partir da falta, articula a fantasia e a angústia na sua intersecção com a castração.

baseado na massa, que encontra a satisfação da pulsão e responde ao desamparo a partir deste, como no caso que foi citado anteriormente acerca do amor entre os “filhos” da mesma religião.

Podemos levantar a hipótese, a partir das concepções apresentadas, que há duas possibilidades para a crença: uma pela via da pulsão e outra pela da fantasia. Se pensamos que o Outro é uma fantasia, pois como pontua Brousse (1997) ele, de fato, não existe e que vivemos em uma época em que o simbólico está precarizado, conforme estamos pontuado neste capítulo. Podemos, então, postular que há uma dificuldade na articulação entre crença e fantasia e igualmente na construção do Outro, o que torna necessário uma investigação sobre qual é este caminho da crença via pulsão e sua articulação com a radicalidade deste desamparo que remete a um real escancarado. Sabendo que, se a crença não passa pelo simbólico, encontra a descarga da pulsão via ato, investigaremos a seguir esta relação.

Capítulo 3 - A crença como ato e o desamparo na contemporaneidade.

I – A questão do ato em Freud e Lacan.

Freud e Lacan desenvolveram diversas concepções para a questão do ato ao longo das suas obras. De acordo com Brodsky (2004), trata-se, em Freud, de perceber duas vias para o entendimento da questão, uma com os textos “A Interpretação dos sonhos (1900) / “A Psicopatologia da vida cotidiana (1901)” “Os Chistes e a sua relação com o inconsciente (1905)” e outra através do texto “Repetir, Recordar e Elaborar (1914.)”. Em Lacan, por sua vez, é preciso entender o delineamento feito ao longo do seu ensino.

Brodsky destaca que, fundamentalmente, entende-se que o desenvolvimento freudiano parte da noção de ato falho. A partir disso, Freud propõe a concepção de que o ato guarda uma significação e que esta é passível de ser interpretada. Tal concepção, por sua vez, é apresentada também no que se refere aos sonhos.

Em Recordar, Repetir e Elaborar (1914), segunda via para o entendimento da questão do ato na obra freudiana, o autor parte da “dinâmica do esquecimento” nos processos psíquicos. Trata-se assim, de acordo com o autor, de uma espécie de bloqueio de uma marca mnêmica, ou seja, da repressão que é gerada, a partir de um conflito que se dá a partir de uma cena imaginada ou vivenciada e gera uma posterior resistência para que esta não retorne ao consciente. A diferença entre as duas concepções se dá pois, neste texto, Freud faz uma elaboração que não está no nível do discurso, e sim no do comportamento, o que não a torna passível de interpretação.

De acordo com o autor, este elemento reprimido, quando não é recordado, volta em forma de ato e repetição. Para fundamentar tal elaboração, o psicanalista apresenta a questão da transferência. Desta forma, um paciente, que transfere conteúdos inconscientes oriundos da sua infância, para a figura do analista, estaria, ao mesmo tempo, no

campo do ato e da repetição. O ato é, assim, visto pelo pai da psicanálise, como uma atuação do inconsciente, ou seja, quando o paciente age, a partir de um elemento reprimido, sem ter consciência disso. Freud expõe a esperança de que a análise cesse este modo de funcionamento psíquico, a partir da recordação dos conteúdos inconscientes.

A diferença fundamental entre as duas concepções, de acordo com Brodsky (2014) é justamente que não se trata na segunda, de um ato interpretável, como na questão do ato falho. De acordo com a autora, o ato se opõe ao inconsciente e esta distinção se faz na maneira como a repetição acontece, sendo portanto, a repetição via ato de uma outra lógica.

Lacan desenvolve acerca dessas duas formas de repetição no seminário 11, quando disserta sobre os conceitos de tiquê e automaton. No tiquê, observa-se o encontro com o traumático do real, cujo a determinação da repetição se dá a partir do fato de que o real sempre retorna para o mesmo lugar. Ou seja, trata-se do impossível de ser simbolizado e interpretado, tal como Freud apresenta no texto de 1914. A outra concepção, por sua vez, diz respeito a articulação da pulsão de morte pela via do simbólico e que vela o real. “O real é o que vige por trás do autômaton.” (RIBEIRO, 2014, p. 1)

O psicanalista Garcia-Roza (1986) expõe, por sua vez, o caráter de “máscara” que guarda uma relação de repetição. A partir disso, o autor traz a questão da distinção entre o representar um objeto e o seu caráter de significação. É um erro, desta forma, pensar este caráter a partir da “representação”. O que ele quer dizer com isso é, portanto, que a repetição, muito além do “re-presentar” significa algo. De acordo com o autor, através da repetição a pulsão emerge, mas se apresenta, embora permanecendo oculta por detrás do fenômeno.

O teórico apresenta, ainda, a relação da repetição-ato com o real. Este, a partir de Lacan, expõe que a repetição, pelo seu caráter de máscara, tem como função tamponar o real. Desta forma, ele apresenta o caráter inassimilável do real, que está para além da linguagem, como aquilo que funda a repetição.

Torres (2010), a partir do Seminário 3 de Lacan, diz que neste momento da sua obra, o autor faz a correlação entre o acting out e o real, a partir da questão da forclusão do simbólico. Logo, este seria um retorno do real. Aqui, porém, o Lacan encontra-se predominantemente no campo da psicose, o que não exclui a importância da elaboração, nem tampouco deixa de ser menos importante, para tratar da questão de que o acting out pode ser um desejo inconsciente que é posto em ato – e isso, também, a partir da ausência de mediação simbólica.

Lacan, no Seminário 10 “A Angústia”, retira o conceito de transferência do campo exclusivo da reprodução e da repetição. “Creio que a referência a transferência, ao limitá-la unicamente ao efeito de reprodução e repetição, é estreita demais e mereceria ser ampliada.” (LACAN, 1962/1963, p. 106) O autor introduz, então, a dimensão da sincronidade, o que quer dizer, que há uma contingência que está além da reprodução e da repetição e que pode provocar um novo fenômeno de transferência. Trata-se, então, de um efeito do real e de uma importante diferenciação em relação a concepção freudiana, que vai incidir no conceito de ato.

No “Seminário 14 – A Lógica da Fantasia”, o autor francês faz uma retomada acerca do conceito de ato e da sua relação com a repetição. Neste, ele expõe que o ato está na ordem da repetição, mas que a repetição não se refere ao reviver daquilo que já foi vivido. Deste modo, segundo Lacan (1966/1967), a repetição implica numa vivência nova, pois ao mesmo tempo que está implicado em um significante, provoca uma mutação no sujeito.

Retomando o “Seminário 10” fornece elementos importantes para a compreensão da questão do ato ao longo do mesmo. O ponto central fundamental, primeiramente, como o próprio autor expõe, é a questão do objeto *a*, que é o ponto central do matema da fantasia. $\$ \langle \rangle a$.

A partir disso, o autor estabelece uma importante distinção, entre o objeto *a*, causa de desejo, e o objeto de desejo. Trata-se, assim, de uma relação de “superfície”, pois o objeto *a*, impossível de ser alcançando, atua como causa, mediante a relação contra um outro objeto, que se

apresenta externamente para o sujeito. Como Lacan escreve: “O que se deseja? Não é o sapatinho, nem o seio, nem seja o que for em que vocês encarnem o fetiche. O fetiche causa o desejo. O desejo, por sua vez, agarra-se onde puder.” (LACAN, 1962/1963, p. 116)

Para avançarmos sobre o entendimento da questão do ato, então, é preciso entender a relação do objeto *a* com a angústia. Primeiramente, é preciso dizer que não há, a partir do pensamento lacaniano, angústia sem objeto. Harari (1997) estabelece o desenvolvimento do aforismo lacaniano a partir da premissa “não...sem.” A partir disso, estabelece-se que a condição “não...sem” remete a obscuridade, a imprecisão, do objeto em questão.

A angústia surge como efeito da correlação entre o objeto *a* e a castração. Harari (1997) expõe que há uma relação entre o desejo e a castração, a partir do estatuto do objeto *a*. O autor exemplifica esta questão a partir do matema da fantasia $\$ \leftrightarrow a$. Desta forma, o objeto *a* é visto como correlato da angústia, e o que une as duas premissas é a castração. Neste sentido, Lacan (1962/1963) põe a ênfase da angústia na função do \leftrightarrow do matema, o que quer dizer que se trata de um efeito do objeto *a* que vem tentar responder a castração, a partir do seu tamponamento.

Por outro lado, avança-se na questão do desejo, que em Lacan, faz referência ao Outro, ou seja, o desejo é o desejo do Outro. O psicanalista francês diz, então, que aproximar-se do Outro, é um meio de tamponar a angústia. Lacan (1962/1963) expõe que o sujeito busca o desejo do Outro como meio de responder ao enigma da angústia. Deste modo, percebe-se que o desejo ser proveniente do Outro responde ao desamparo e a problemática da angústia inserida a partir da dinâmica do objeto *a*.

Por outro lado, tal questão também diz respeito a relação com o real. O fantasma possui uma função no psiquismo, que pode ser denominada como de tampão, ou seja, que evita, de acordo com Harari (1997) o encontro com o real. Trata-se, aqui, então, de uma defesa contra a dimensão do desamparo no que diz respeito aos efeitos do real.

A partir dos desenvolvimentos acima, precisamos retomar a questão da dinâmica do desamparo, na contemporaneidade, e a sua relação com o ato. Podemos dizer que a ordem simbólica não oferta mais ao sujeito o amparo através da palavra e apresenta-se, assim, como precarizado, esta questão diz respeito, então, a dificuldade em constituir um Outro e ao efeito de angústia que isso gera diante da problemática do desejo e ao contato com o real. O ato surge, então, como um substitutivo da palavra.

A questão da dificuldade de constituir o “Outro” é fundamental, pois insere a problemática contemporânea a partir de uma outra dimensão, que diz respeito ao campo do simbólico. Não se trata, então, de pensar acerca de determinismos sociais, nem tampouco de fazer nomeações, sem pensar o engajamento do sujeito a partir do inconsciente que se dá através deste. Se pensamos nesta questão, temos, então, de retomar a questão do ato pela via dos postulados lacanianos.

A questão do conceito de ato, tem vários possíveis desdobramentos, como já foi dito anteriormente. Em relação ao pensamento laciano, ele faz outros desenvolvimentos, que vão além do que Freud propôs. Lacan cita, fundamentalmente, a questão do ato analítico, da passagem ao ato e do acting out, como sendo conceitualmente distintos. Para o efeito deste trabalho, não interessa a investigação acerca do ato analítico, tendo em vista que se trata de uma outra questão, que não concerne a este estudo, então passaremos brevemente por ela.

Lacan (1966/1967) apresenta uma premissa para uma definição geral do conceito do ato. Sendo assim, o autor expõe, primeiramente, que se trata de um significante, que este está dentro da relação entre a repetição e a alienação. Isso quer dizer que, partir da incidência de um significante, surge o ato. Deste modo, é preciso lê-lo a partir de uma estrutura lógica. O psicanalista apresenta, como exemplo, a questão do atravessamento de César no Rubicão. Se para César este atravessamento foi um ato, para outra pessoa, que imitá-lo, por ventura,

isso não seria, a princípio, um ato, por não estar dentro desta estrutura lógica.

Retomando uma questão citada anteriormente, a partir deste seminário Lacan avança na compreensão da mutação do sujeito provocado pelo ato. Sendo assim, mesmo utilizando a terminologia da repetição, o autor destaca este elemento como uma possibilidade e ressalta a sua importância. “É a instauração do sujeito enquanto tal. Quer dizer que, por um ato verdadeiro, o sujeito surge diferente, em razão do corte, sua estrutura é modificada.”(LACAN, 1966/1967, p. 216)

Brousse (2010) avança sobre a questão apresentada por Lacan, a partir da correlação do ato como correlativo ao ato analítico. Este é, como já foi dito anteriormente, aquele que provoca uma mutação no sujeito. Isso quer dizer que há um ultrapassamento em relação a uma ordem simbólica existente, o que provoca esta mudança. Trata-se, assim, de um ultrapassamento em relação a uma lei. As leis às quais se referem o conceito são as da constituição fenomênica da cena, sendo assim, como a própria autora classifica, não são as leis do mundo, tampouco as leis da linguagem. Também Metzger (2014) destaca que a mutação do sujeito provocada pelo ato torna impossível o reencontro com a estrutura existente previamente.

Este ponto importante revela a natureza estrutural do ato, e aqui trata-se de uma premissa geral, já que não se refere a um fenômeno concernente ao agir, ou a ação, mas de algo que faz referência a uma relação que se dá no psiquismo, desde onde se constituem as cenas as quais se referem os atravessamos possíveis. Deste modo, é preciso ressaltar que a própria fala pode enquadrar-se nas diferentes categorias relativas a este.

Um outro ponto relevante diz respeito a relação entre o ato e a angústia. Trata-se, no ato, de extrair uma certeza que só existe na angústia, e que jamais se dá pelo Outro da linguagem, em virtude da sua natureza inconsistente. Ou seja, trata-se de uma operação que também faz referência ao desamparo provocado pelo real e de um caminho diferente daquele proporcionado pela operação de extração do desejo.

Agir é, de certo modo, tentar obter uma certeza, certeza que geralmente se tem na angústia. Isto não quer dizer que agir seja uma angústia – na maior parte do tempo é inclusive para escapar a angústia – mas permite obter o mesmo efeito, isto é, um efeito de certeza de interrupção. (BROUSSE, 2010, p. 16)

Parte-se, então, para a questão da passagem ao ato. A primeira premissa – e fundamental – é que esta joga o sujeito para fora da cena, ao contrário do que ocorre no acting out. Trata-se, assim, de uma queda da sua própria posição de sujeito. Trata-se, assim, de uma operação que, por estar fora da cena, prescinde do Outro. Como exemplo, Lacan cita a bofetada que Dora dá em Sr. K e demonstra que, por ser uma passagem ao ato, é impossível distinguir quem ela ama, se é o Sr K. ou a Sra K., trata-se, disso, então, o estar fora da cena. Ou seja, é um ato que não encontra-se dentro da história do sujeito.

De acordo com Lacan (1962/1963) tudo que é acting out é o oposto da passagem ao ato. Trata-se, assim, de um estar dentro da cena, de uma direção que vai ao Outro. Nota-se, então, que há uma relação também com o objeto *a*. A questão é que o desejo aparece velado em forma de demonstração, em uma cena constituída a partir da história do sujeito.

Outros autores como Carvalho (2014) fazem novos desdobramentos a partir da questão do ato, tomando como referência a díade passagem ao ato-acting out, tomando estes como modelo primordial da questão, a partir da referência da “clínica da passagem ao ato.”. A referência para esta classificação é a descrição fenomenológica. Estes são: os atos impulsivos, os atos derradeiros, os atos de mutilação, os atos mostrativos e os atos agressivos.

No caso dos atos impulsivos, trata-se da conversão de pulsão em ato, a partir da falta de mediação simbólica. No caso dos atos derradeiros, são atos que tem um aspecto resolutivo ou estabilizador na psicose, como no caso da paranoia. Já os atos de mutilação referem-se a repetição de atos lesivos no próprio corpo. E nos atos mostrativos de um efeito sobre o

Outro a partir de uma representação psíquica que não se estabelece via ato a partir da falta de mediação simbólica.

Este é um importante elemento no que tange a este estudo. Se há uma dificuldade de constituição do “Outro” na contemporaneidade, este ato pode, então, estar dentro de uma cena e visar a reconstituição deste Outro, ao mesmo tempo que aplacam a angústia referente ao desamparo que provém da dificuldade em referir a este. O que o autor classifica como “ato mostrativo”, que está no campo do acting out, pode assim, constituir como um apelo provocado pelo desamparo que se apresenta diante de um Outro inconsistente, que não responde. Por sua vez, isso irá interferir no modo como a relação como o sujeito se engaja na questão da crença, o que será demonstrado posteriormente.

Por outro lado, a problemática do desejo também se insere nesta questão. Se o desejo é o desejo do Outro, e o Outro apresenta-se como sendo mais inconsistente, a questão da angústia pode apresenta-se de uma forma diferenciada na contemporaneidade. Se a questão da angústia é o objeto, que é impreciso e obscuro, isso apresenta-se de forma mais acentuada. A precaridade do simbólico faz com que o contato com o real esteja mais presente. O que traz na dimensão da crença como ato uma possibilidade de aplacar esta, através do caráter de certeza que guarda e da filiação que promove.

A dimensão do Outro não diz respeito ao social, mas a especulação que o sujeito constrói a partir da fantasia em relação ao desejo do Outro que tem esta dimensão apagada e retorna como pulsão. Como Freud pontua em “Questão de uma Weltanschauung / Acerca de uma Visão de Mundo (1915)”, os fatores econômicos não devem ser tomados como os únicos que determinam o comportamento do homem em sociedade e que sociedades diferentes comportam-se de forma diferente diante de componentes econômicos iguais. Sendo assim, estabelece-se, aqui, uma crítica às teorizações psicanalíticas baseadas em dizeres que tentam relacionar as questões subjetivas com a sociedade “neoliberal” ou de qualquer outra nomenclatura econômico-social possível. Não só pela imprecisão conceitual que estas referências

apresentam no que se refere aos postulados das escolas econômicas e tornam a referência inócua, como pela super-valorização destes, o que está em consonância com o pensamento freudiano. Não se nega que no Outro exista um delineamento que se desdobra na cultura, mas de entender os mecanismos de sua constituição.

Neste mesmo texto o autor retoma a questão do marxismo, e a partir das experiências apresentada, provenientes da Revolução Russa de 1917, equivale o modo de funcionamento marxista na URSS ao das grandes religiões monoteístas.

Qualquer investigação crítica da teoria marxista é proibida tal como a igreja castigava a heresia. As obras de Marx tomaram o lugar da bíblia e do corão, como fontes de revelação, embora não devam ser mais isentas de contradições e obscuridades que do que esses dois livros antigos. (FREUD, 1933, p. 351).

Utiliza-se essa referência para justificar e defender a escolha a crença como elemento da pesquisa, pois, como o próprio autor cita há uma possível equivalência entre política e religião no sentido proposto. Sendo assim, no que se refere-se ao caráter estrutural da crença, não há diferença. Isso quer dizer que a via da sua expressão, seja ela pela religião, pela política, ou pelas torcidas de futebol, ou de qualquer outro fenômeno que possa ser classificado como sendo da natureza referida.

Freud pontua em *Moises e o Monoteísmo* (1939) que não foi a religião cristã que criou a culpa proveniente do assassinato do pai, mas que a culpa existia e esta foi criada para apaziguá-la, que, do ponto de vista da especificidade de cada uma das crenças, podem existir elementos próprios que justificam a existência delas. No entanto, quando assumimos o caráter da crença, estamos falando de algo precedente, que refere-se ao que existe em comum entre todas elas. O que não exclui, evidentemente, tampouco invalida, estudos específicos acerca de cada uma das crenças, sendo esta outra via possível.

II – Considerações sobre a crença na contemporaneidade.

Laurent (2007) refere-se a civilização atual, a partir dos desenvolvimentos de Miller e Lacan, como sendo aquela em que rege o caos identificatório, devido a queda dos significantes mestres, o que dificulta o encadeamento do Outro da linguagem a partir da identificação. Tal movimento provoca, assim, a busca e a experimentação do Outro através do gozo. “Para o sujeito moderno, a existência de Deus se demonstra pela *overdose*. Pela presença do ex-tase nele próprio, o sujeito experimenta a presença do Outro.” (LAURENT, 2007, p. 169)

Laurent (2007) estabelece ainda a correlação entre a queda do ideal e a exigência do gozo. Para fundamentar esta hipótese, ele cita, como exemplo, o declínio da questão da religião com o dever. O que coaduna com a perspectiva apresentada por Lebrun e Miller e que foi apresentada no capítulo anterior, acerca da queda do simbólico que se dá a partir da alteridade em torno do Pai provocada pelo discurso da ciência.

Knobloch (2002) aponta o efeito do tecnicismo na questão do simbólico. Sendo assim, a autora questiona o que surge neste lugar, quando a referência da palavra não é mais a primordial. Isso vai ao encontro do proposto por Laurent (2007) quando ele diz que a falta de significantes-mestres faz com o que o “escrito” se torne “ilegível” em decorrência da impossibilidade de haver a pluralização dos nomes-do-pai o que afeta a sustentação do discurso e incide na questão da identificação.

Este Outro inconsistente leva o sujeito em direção ao gozo. O psicanalista francês diz, então, que a queda do “ideal” promove um sujeito leve, que busca o gozo do todo, que é uma situação insustentável e que está associado com o imperativo da pulsão de morte. De acordo com Laurent (2007) há dois caminhos possíveis: suportar a inconsistência do Outro ou ceder ao imperativo superegóico do gozo

Tal elemento coaduna com a perspectiva de que há, na contemporaneidade, uma prevalência do gozo do Um, em oposição ao gozo do Outro. O importante aqui, é observar que neste tipo de gozo, destituído do simbólico, pode encontrar o seu caminho através do ato. E

este é um elemento presente a partir da perspectiva da contemporaneidade, o que podemos observar quando trazemos a tona a questão da crença.

Desta forma, quando trazemos tal questão, trata-se, assim, da elaboração acerca do “ato de crer”, do “ato que faz a crença surgir.” Estabelece-se, assim, uma distinção em relação ao modo como esta se estabelecia na época freudiana, em que havia um Outro mais consistente e, sendo assim, havia a operação de um simbólico consistente que girava em torno da lei do Pai e dos sistemas simbólicos que se faziam a partir deste.

Tal concepção poderia gerar um problema teórico, já que pressupõe-se que a crença seria dirigida ao Outro. No entanto, não se nega aqui a existência do Outro, mas a dificuldade na sua constituição e na sua sustentação, de modo que mantém-se, então, a perspectiva de que a crença esteja no âmbito do ato e que possa ser dirigida ao Outro, mas a um Outro que se apresenta de forma precária, o que a coloca dentro da perspectiva do gozo, com uma referência simbólica limitada.

Deste modo, o ato de crer, está próximo do que Carvalho (2014) classifica como “atos mostrativos”, o que se aproxima da perspectiva do acting out. O autor aponta, então, que nos atos mostrativos o sujeito visa o Outro, a partir de algum elemento que não encontrou recurso simbólico de expressão.

Apresenta-se, assim, a hipótese de que a crença, a partir de um significante que não encontra recurso simbólico de expressão, encontra via ato um meio de buscar este no Outro precário da contemporaneidade. A crença via ato responde ao desamparo provocado pelo real e aos efeitos provenientes deste. Também é, através da via da certeza, um meio de aplacar angústia.

Dunker (2004) aponta que através da crença o sujeito tenta estabelecer um Outro consistente. No entanto, para constituir tal elemento, o autor diz que o sujeito “crê na crença do Outro.” Não seria, então, através da crença suposta a um Outro inconsistente, que haveria a tentativa de constituição deste Outro? Deste modo, a hipótese de que a

crença pode tornar o Outro consistente parece ser um caminho possível, mas a questão da extração desta crença provir do Outro apresentaremos uma outra hipótese nos parágrafos seguintes.

Antes, é preciso dizer que a crença pode ser um meio de eliminar os vestígios do Outro. Como exemplo, podemos extrair de Musachi et al. (2015) a questão dos jovens jihadistas, que estão implicados numa crença e identificados ao discurso religioso, a partir da figura de Alá, e dão o corpo, assim, como objeto de gozo, visando a eliminação do Outro. Trata-se, assim, de um engajamento, de acordo com os autores, na cultura da pulsão de morte.

Podemos dizer, então, que o significante da crença é extraído através de uma identificação precária. Como aponta Mandil (2007) a identificação na contemporaneidade, a partir do Outro inconsistente, prescinde da palavra. Neste sentido, trata-se, portanto, de uma extração que não se dá pelo ordenamento simbólico, mas, de acordo com o autor, através da substituição do Outro por um discurso inscrito numa comunidade de gozo. Esta identificação pode ser vista, assim, a partir da ausência de mediação simbólica, também como um ato.

Deste modo, identificar-se a um discurso difere do que Freud (1921) expôs como sendo a identificação que se dá a partir da ideia que é posta no lugar do líder. Esta última, estava regida pelo simbólico, havia o Outro bem-estabelecido e também tinha, como efeito, a identificação entre as pessoas e o surgimento de um fenômeno de massa. Aqui, conforme o que foi dito no parágrafo anterior, o Outro não aparece e predomina, fundamentalmente, a questão do discurso que não tem mediação simbólica e, embora filie as pessoas a uma comunidade de gozo, não refere-se, primeiramente, a identificação entre elas.

Há assim, no que se refere a identificação universal, mediada pelo simbólico, um caráter de opressão, que se dá pelo seu efeito de castração. Deste modo, pensar na questão da identificação fragmentada e na via do ato também demonstra uma oposição a isto.

Mauricio Tarrab[5] nos coloca a seguinte questão: O que na época facilita a passagem ao ato? Com qual gozo se orientam os sujeitos hoje? Numa recente entrevista Marcus André Vieira[6] falando sobre a juventude brasileira que passa ao ato e muitas vezes sob a forma de delitos, considera a perturbação falante das passagens ao ato que se opõem as identificações universalizantes que oprimem o ser falante. (Musachi Et Al, 2014, P. 1)

Os modos de crença existentes na contemporaneidade, no que se refere às sociedades ocidentais, são inúmeros. Observa-se, assim, desde o avanço de congregações religiosas baseadas em um poderio econômico, que surgem dia após dia, sem nenhuma tradição, quanto o avanço de ideologias radicais nos mais diferentes espaços possíveis, desde torcidas de futebol até radicais religiosos e políticos. Nos últimos tempos assistimos ao avanço do Estado Islâmico e o aprofundamento da divisão das sociedades europeias, que tem como principal referência, a questão da crença, embora existam diferenças culturais que estão presentes. Deste modo, procurou-se, neste trabalho, encontrar os pontos em comum destas manifestações diversas.

Conclui-se, então, que a crença é um ato de filiação e alienação a uma comunidade de gozo, que pode gerar um efeito posterior de formação de um fenômeno de massa, a partir de uma identificação que se deu previamente a um discurso. Se se trata de um ato, é, assim, um significante, que se repete como ato, e provoca uma mutação no sujeito.

A crença pode ser um modo de constituir um Outro consistente, ou de eliminá-lo radicalmente, de tal forma que ambas as vias respondem a radicalidade do desamparo provocado pela inconsistência do Outro e ao efeito do real provocado pela precarização do simbólico. Esta articulação ocorre, então, a partir de um significante, que é posto em ato, através do “ato mostrativo” que aproxima-se do que Lacan chamou de acting out. A filiação a uma comunidade de gozo responde, assim, ao anteparo que o simbólico fazia na época de Freud.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Na esteira dos grandes acontecimentos da história, podemos perceber que a crença sempre esteve presente. Esta constituiu-se como um elemento bastante profícuo para a investigação psicanalítica, a partir do caráter de demarcação, e portanto de aproximação e separação, que teve entre diferentes grupos e massas. Tal como no que se refere ao seu papel na dinâmica psíquica do indivíduo.

Sendo assim, esta teve um papel decisivo em relação a queda e a ascensão de agrupamentos civilizatórios, a partir da sua relação com a eclosão de conflitos variados em diversos momentos históricos. Desde o surgimento da psicanálise, como podemos ver nos escritos de Freud, este tema apareceu de forma relevante, tendo assumido diversos contornos e interpretações.

A questão da crença como podemos ver desde Totem & Tabu (1912) mostra-se muito próxima do desamparo, o que levou esta temática a ser escolhida como aquela que seria investigada neste trabalho. A partir disso, optou-se por uma investigação acerca desta na contemporaneidade, a partir da inferência hipotética de que poderia haver algo de dinâmico em torno da relação entre crença e desamparo, ou seja, que a partir da mudança da subjetividade, estes conceitos deveriam ser pensados de outra maneira.

Para tanto, do ponto de vista da construção da ideia, partiu-se, inicialmente, da questão dos efeitos da crença na política, que logo ganhou um caráter mais amplo e correlacionou-se com a questão do desamparo. Deste modo, o que trouxe a questão da contemporaneidade foi a observação de uma tendência ao radicalismo existente em vários grupos (seriam massas?), que guardam ideias opostas ou as vezes em setores diferentes da sociedade, sem aparente ligação entre elas. Digo isto porque, aparentemente não há uma relação entre o que ocorre nas torcidas de futebol e no radicalismo religioso, por exemplo, mas a partir de uma concepção acerca da “crença” podemos pensar possíveis aproximações.

Chamou a atenção, por exemplo, os atentados ocorridos na sede do Charlie Hebdo ocorrido no dia 07/01/2015, mesmo dia do lançamento do livro “Submissão.”, cuja história fictícia, que passa em 2020, França, retrata o islamismo como aquele que tomaria o poder e imporá as suas leis. A questão dos islâmicos neste país, e suas diversas interpretações, conclamam crenças de ordens diferentes e conflitantes que subsistem e, muitas vezes disputam um mesmo espaço físico, o que eleva o entendimento da questão da crença na contemporaneidade a um patamar de compreensão acerca do processo civilizatório e da manutenção ou do esgarçamento do laço social.

Tive a oportunidade de passar alguns meses na França, antes dos dois atentados terroristas e do Estado Islâmico, justamente durante a eleição de 2012, e a questão do islamismo já estava bastante presente na sociedade e apareceu como pleito eleitoral. Ouvei pessoas dizendo, já naquela época, que faltava a candidata da extrema-direita uma proposta mais firme contra os imigrantes árabes. E, aqui, faço uma ressalva, para poder diferenciar as ditas “questões culturais” e o conflito de valores existentes entre duas sociedades que tem tradições e costumes diferentes, daquilo que ocorre no âmbito da crença, embora muitas vezes os dois se cruzam e se confundam. Logo, não se trata de julgar a sociedade francesa como islamófoba, nem tampouco de estabelecer uma hierarquia de valores culturais.

A partir desta questão, um dos objetivos deste trabalho era fazer uma análise do livro “Submissão” e avançar sobre essa questão. Dada a complexidade com a qual o tema se apresentou é o tempo disponível para a execução do trabalho, infelizmente não foi possível fazer uma análise aprofundada e justa com este material. O que o coloca, portanto, como um elemento de continuidade posterior a este estudo e tão logo este finde em definitivo, a mesma começará a ser executada.

Podemos pensar, tal como foi preciso executar uma redução da proposta inicial, este estudo também revelou-se por um caminho diferente do pensado durante o seu projeto do ponto de vista teórico. Se antes, predominava a hipótese de que havia uma correlação forte entre crença e

fantasia com respaldo da questão da dimensão simbólica, por sua vez, o estudo revelou a precariedade desta na contemporaneidade, o que trouxe para a esteira da pesquisa a questão do ato. Logo, foi necessário investigar a correlação entre a crença, o desamparo e ato a partir desta precarização do simbólico.

Também em relação ao desamparo, não foi possível pensa-lo da mesma forma que no passado. Embora existam elementos que permaneçam, tal como as três grandes experiências de desamparo que Freud expõe em (1930), a dissolução do corpo, do medo dos efeitos da natureza, e a questão da imprevisibilidade das relações, o estudo trouxe a tona uma nova questão. Esta referiu-se, então, a questão dos efeitos do real a partir da falta do anteparo de um Outro consistente e, sendo assim, da dimensão simbólica. Deste modo, esta própria experiência configura-se como sendo de outra ordem.

Tais elementos possibilitaram uma distinção entre o modo de funcionamento da crença durante as teorizações de Freud, onde havia um forte respaldo da dimensão simbólica e o modo como o sujeito se aliena à crença na contemporaneidade. Logo, o trabalho procurou efetuar a diferenciação entre estas duas épocas e a sua incidência na correlação entre a crença e o desamparo.

Como já foi dito anteriormente, a questão perpassou pela hipótese acerca da crença como ato. Para tanto, foi preciso realizar uma investigação a partir dos estudos lacanianos, em relação às suas diferentes concepções acerca do ato, para que se verificasse a pertinência desta questão. Logo, investigou-se acerca do “ato”, do “ato analítico”, da “passagem ao ato” e do “acting out”, também levando em conta as variações feitas, a partir destes, pelos autores pós-lacanianos.

Deste modo, após concluir a correlação entre ato e crença, a problemática que se impôs foi a de como o sujeito poderia engajar-se na crença, a partir de sua divisão subjetiva, se o Outro apresenta-se como inconsistente. Para tanto, foi primordial retomar o conceito desenvolvido por Eric Laurent, Jacques-Alain Miller e outros autores e do Campo Freudiano, o de identificação fragmentada, pois este tem, na

sua base, justamente a questão de como a identificação opera na contemporaneidade a partir deste simbólico precarizado.

Deste modo, a conclusão do trabalho foi a de que, o engajamento do sujeito na crença na contemporaneidade, é diferente do que ocorria na época de Freud, pois temos um simbólico precarizado e um Outro inconsistente. Prevalece, em relação a extração do significante, a questão da identificação fragmentada, e no que se refere a questão do “crer”, efetivação da crença, a conversão em ato. Este ato se trata de um ato de filiação e se aproxima do ato mostrativo. Tal elemento, porém, responde a um desamparo baseado fundamentalmente nas questões do real, e visa oferecer um amparo ao sujeito para responder esta problemática, tal como pode responder a isto gerando consistência ao Outro, ou proporcionado a tentativa da sua eliminação..

Entende-se como já foi dito anteriormente, que é a pesquisa deve ter continuidade, a partir do seu prosseguimento em novas linhas de investigação. Para tanto, pretende-se seguir com o estudo do livro “Submissão.” de Michel Houellebecq.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ASKOFARÉ, Sidi. **Da subjetividade contemporânea**. In: A Peste, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 165-175, jan./jun. 2009

BASSOLS, Miquel. Ciência e Desejo. In: . **Scilicet: Um Real para o Século XXI**. Horizonte: Scriptum, 2011.

BRASIL Et. Al. **Repetição, com Estilo**. Instituto de Psicanálise Lacaniana. Disponível em <<http://www.ipla.com.br/assets/files/Trabalhos/Queneau.pdf>> Acesso em 13/04/2016.

BRODSKY, Graciela. Fundamentos 1. **Comentarios del Seminario 11**. – 1ª ed. Olivos: Grama Ediciones, 2014.

BRODSKY, Graciela. **Short Story: os princípios do ato analítico**. Tradução Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2004.

BROOKER C.; JONES, A. & REISZ B. **The Entire History of You EP. 3 – T 1. [Black Mirror]** Direção de Brian Welsh. Londres, Zeppotron, Channel 4. 60 min, son. color. 2011.

BROUSSE, Marie Hélène. **A Pulsão I**. In: Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução: Dulce Duque Estrada, revisão técnica: Sandra Grostein – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed. 1997.

_____. **A Pulsão II**. In: Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução: Dulce Duque Estrada, revisão técnica: Sandra Grostein – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed. 1997.

BROUSSE, Marie-Hélène. **Passagem ao ato e ato: a lição do Seminário X**. In. Revista Entrevários Nº 6, São Paulo. 2010.

CARVALHO, Frederico Zeymer Feu DE. **A passagem ao ato como resposta do real**. Almanaque Online. Revista Eletrônica do IPSM-MG. Ano 8 – nº 14 – Janeiro a Junho de 2014. Disponível em <<http://almanaquepsicanalise.com.br/wp->

<content/uploads/2015/09/Almanaque14FredericoFeu.pdf>> Acesso em 10/04/2016.

DUNKER, Christian. Ingo Lenz. - **Crença em Psicanálise: elementos para uma concepção de ato.** Stylus (Belo Horizonte). v.8, p.55 - 68, 2004.

FREUD, Sigmund. **35. Acerca de Uma Visão de Mundo.** In. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936) tradução Paulo César de Souza - São Paulo: Companhia das Letras, 2010

_____. **A Repressão.** In: Introdução ao narcisismo : ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916) tradução e notas Paulo César de Souza – São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

_____. **Mal-Estar na Civilização [1930]** In: O Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. (1930-1936.) tradução e notas Paulo César de Souza – São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

_____. Sigmund. **O Inquietante (1919)** In: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”) : além do princípio do prazer e outros textos. (1917-1920) tradução e notas Paulo César de Souza – São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

_____. **O Futuro de uma Ilusão [1927]** In: Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos. (1926-1929.) Tradução e notas Paulo César de Souza – São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

_____. **Os Instintos e Seus Destinos** In: Introdução ao narcisismo : ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916) tradução e notas Paulo César de Souza – São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

_____. **O Tabu da Virgindade (Contribuições à Psicologia do Amor III)** In. (1917) Obras completas, volume 9: observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de

infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. **Por que a guerra? [Carta a Einstein, 1932]** In: O Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. (1930-1936.) tradução e notas Paulo César de Souza – São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

_____. **Totem & Tabu [1912-1913]** In: Obras completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914) tradução e notas Paulo César de Souza – São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

_____. **O Tabu da Virgindade (Contribuições à Psicologia do Amor III)** In. (1917) Obras completas, volume 9: observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. **Psicologia das Massas e Análise do Eu [1921]** In: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923) tradução e notas Paulo César de Souza – São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Moisés e o Monteísmo Três Ensaio [1939[1934-1938]** In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Tradução: Alix Strachey e Alan Tyson, supervisão de tradução: Jayme Salmoão. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Acaso a repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1988.

HARARI, Roberto. **O seminário “a angústia” de Lacan: uma introdução.** Tradução de Francisco Settineri. – Porto Alegre: Artes e Ofício. Ed., 1997.

JAANUS, Maire. **A Desmontagem da Pulsão**. In: Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução: Dulce Duque Estrada, revisão técnica: Sandra Grostein – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed. 1997.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise, o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

KNOBLOCH, Felícia. **Patoplastias do contemporâneo: clínica do corpo em sofrimento**. Tese de Doutorado. São Paulo, 2002.

LACAN, Jacques. **O Seminário livro 10: a angústia**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão final Angelina Harari e preparação do texto André Telles. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise 1964**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução M.D. Magno. – Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **A Lógica do Fantasma – Seminário 1966-1967**. Publicação não-comercial, exclusiva para membros. Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2008.

LACAN, Jacques. **O triunfo da religião**. In: O triunfo da religião, precedido de, Discurso aos católicos. Tradução André Telles, revisão técnica Ram Mandil. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LAURENT, Eric. **A sociedade do sintoma. A psicanálise, hoje**. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 2007.

LEBRUN, Jean-Pierre. **O mal-estar na subjetivação**. Organizador, Mario Fleig ; tradução, Mario Fleig, Francisco F. Settineri, Cristovão A. Viero. - Porto Alegre : CMC, 2010.

LEBRUN, Jean-Pierre. **Um mundo sem limite : ensaio para uma clínica psicanalítica do social**. Editor : José Nazar ; tradução Sandra Regina Felgueiras. - Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2004.

MANDIL, Ram. **A Psicanálise e os modos contemporâneos de identificação**. Opção Lacaniana Online. Nº 4, 2007. Disponível em <

<http://www.opcaolacaniana.com.br/antigos/n4/pdf/artigos/RAMIdenti.pdf> >
Acesso em 24/04/2016.

METZGER, Clarissa. **O estatuto teórico-clínico da sublimação no ensino de Jacques Lacan: a sublimação como tratamento do gozo.** Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. - São Paulo, 2014.

MILLER, Jacques-Alain. **El Otro que no existe y sus comités de ética**, 1 con colaboración de: Éric Laurent - la ed. - Buenos Aires: Paidós, 2005.

MILLER, Jacques-Alain. **Jacques Lacan: observações sobre o seu conceito de passagem ao ato.** Opção Lacaniana online. Ano 5, Nº 13. 2014 <Disponível em http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_13/Passagem_ao_ato.pdf >

MUSACHI, Blanca at al. **Entre a captura pelas imagens e a função capital da imagem.** Disponível em <<http://oimperiodasimagens.com.br/pt/faq-items/entre-a-captura-pelas-imagens-e-a-funcao-capital-da-imagem-blanca-musachi/>> Acesso em 01/05/2016.

RIBEIRO, Kátia. **Resenha - Tiquê e Autômaton.** Disponível em <http://www.ebpsp.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=937:resenha-tique-e-automaton&catid=26:resenhas&Itemid=57> Acesso em 13/04/2016.

TORRES, Ronaldo Silva. **Dimensões do ato em psicanálise.** São Paulo. Annablume 2010. (Coleção Ato Psicanalítico.)

PSICANÁLISE, Associação Mundial de. **Scilicet: Um real para o século XXI.** Horizonte: Scriptum, 2014.

VIOLANTE, Maria Lúcia Vieira. **Pesquisa em Psicanálise.** In. Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.

ÁLVAREZ, Patricio. **Dos versiones del Padre**. In: La creencia y el psicoanálisis. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

BARANGER, Willy. **Contribuições ao conceito de objeto em psicanálise**. Tradução Giele Groeminga de Almeida. São Paulo: Casa do Psicólogo : Clínica de Psicanálise Roberto Azevedo, 1994.

BRASIL Et. Al. **Repetição, com Estilo**. Instituto de Psicanálise Lacaniana. Disponível em <<http://www.ipla.com.br/assets/files/Trabalhos/Queneau.pdf>> Acesso em 13/04/2016.

BROUSSE, Marie Hélène. **Corpos lacanianos: novidades contemporâneas sobre o estágio do espelho**. Opção Lacaniana Online Nº 15. 2014. Disponível em <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_15/Corpos_lacanianos.pdf> Acesso em 26/05/2015.

FINK, Bruce. **O sujeito laciano; entre a linguagem e o gozo**. Tradução: Maria de Lourdes Duarte Sette; consultoria Miriam Aparecida Nogueira Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

GARCÍA, Silvia. **El sacrificio en la religión y su relación con el deseo**. In: La creencia y el psicoanálisis. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.2: a clínica da fantasia**. - Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

MELMAN, Charles. **O Homem Sem Gravidade – Gozar a Qualquer Preço**. Ed. Companhia de Freud.. Rio de Janeiro, 2003.

MIJOLLA-MELLOR, Sophie de. **A necessidade de crer**. Tradução Pádua Fernandes, Leandro Sarmatz. São Paulo : Unimarco, 2004.

PUJO, Mário (orgs.) **Clinica del Desamparo**. Buenos Aires: Revista Psicoanálisis y el hospital, vol. 17, 2000.